



Rilvan Batista de Santana

**Guriatã, o intérprete**

**ANO  
2011**

Rilvan Batista de Santana

Guriatã, o intérprete.

**“No que diz respeito ao desempenho, ao compromisso, ao esforço, à dedicação, não existe meio termo. Ou você faz uma coisa bem-feita ou não faz.” Ayrton Senna**

**ITABUNA-BA**

**ANO 2011**

## ÍNDICE

- 1) INTRODUÇÃO
- 2) Guriatã, o intérprete
- 3) São Caetano
- 4) Réquiem
- 5) O Suicida
- 6) O Sonho de José Maria
- 7) O segredo
- 8) O orador e o escritor
- 9) O desespero do diabo
- 10) O cadáver
- 11) O ateu
- 12) Labirintos da inteligência
- 13) Tempo de Sodoma e Gomorra
- 14) Geminiano
- 15) Escrever é um ato solitário
- 16) Diálogo de esqueleta
- 17) Democracia, herança grega
- 18) Conheci um imortal
- 19) Compromisso
- 20) Cidade menina
- 21) Bar de Pedro
- 22) A simplicidade da vida
- 23) A Praça da Matriz
- 24) A força do preconceito
- 25) A confissão de André

## Introdução

Este livro (PDF) é o 12º. de minha autoria. Nele coloquei alguns assuntos que muita gente não gosta de falar e, quando fala, fala o mínimo possível como se eles não fossem a nossa realidade, mais cedo ou mais tarde, a exemplo de “O cadáver”, “Réquiem”, “O ateu”, “A simplicidade da vida”, etc., etc. Sinto um desejo de explorar os mistérios da vida e da alma do homem, sem objetivo mórbido, mas para entender melhor o nosso papel neste mundo.

Gostaria de ter a alma dos simples, daqueles de fé genuína, daqueles que acreditam na Bíblia e nos Evangelhos com a convicção dos santos. Eles não têm problemas existenciais, não se angustiam, Jesus Cristo é o porto seguro, o pastor que cuida de suas ovelhas, o Filho de Deus, esses não têm medo da morte, mesmo nas situações mais desesperadoras, eles permanecem na fé.

Também, trato de amenidades, do dia a dia, textos adocicados, mais para entreter, um pensamento menos profundo, mas sem descuidar da importância dos temas. Textos como “Guriatã, o intérprete”, “Brincando de escrever”, “A Praça da Matriz”, “O orador e o escritor”, e, congêneres, tornam este livro uma leitura prazerosa.

Hoje, a edição independente de livros tornou-se um privilégio de poucos, mas diz a sabedoria popular que “...quando Deus fecha uma janela, abre uma porta...”, aí, surgiu a INTERNET e no rodo, as redes sociais, os blogs, os sites e os portais, que possibilitam aos menos aquinhoados de recursos financeiros, aos escritores menos conhecidos e aos escritores sem editora, divulgarem os seus trabalhos.

Por isso, valorizo a leitura virtual, certo de que doravante, o papel, pouco e pouco, será substituído pelas telas de laptop, notebook, iPod touch e outros recursos da cibernética. Hoje, os computadores, já armazenam conteúdo de uma biblioteca e de fácil acessibilidade.

Prezado leitor, estou lhe enviando uma coletânea de crônicas e contos. Ficarei honrado com sua leitura, é a única moeda de pagamento que lhe exijo, já que estou colocando este texto não para o elogio fácil, mas estou colocando-o para análise daqueles que têm sensibilidade e sabem valorizar o pensamento e a criatividade.

Escolhi o título “Guriatã, o intérprete”, em homenagem a Academia de Letras de Itabuna – ALITA, onde sou um modesto membro, e, em homenagem a um dos meus

contos, que faz parte desta coletânea. Além disto, o Guriatã é um dos nossos queridos pássaros das matas do Sul da Bahia e o intérprete natural de todos os outros pássaros.

Enfim, desejo que este livro (PDF), seja elencado ao portal do MEC (Eu já tenho 11 livros lá), [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br), pois é a maior biblioteca virtual do Brasil com milhares de obras de autores nacionais e estrangeiros. Faz-se necessário que os nossos jovens estudantes, os leitores de todas as idades, visitem constantemente, o Portal “Domínio Público”, só assim, eles irão contribuir para o seu crescimento.

Rilvan Batista de Santana

O autor

Guriatã, o intérprete.  
R. Santana

Os poetas cantaram muito em seus versos o sabiá, o bem-te-vi, o zabelê, o curió, o beija-flor, o colibri, asa-branca, pombo-correio, pássaro-preto, rouxinol, mas eles foram um pouco injusto com o único intérprete da mata, para uns, guriatã, gurinhatã, guriatã-de-coqueiro; para outros, tico-tico-do-campo, gaturamo e baíra-amarela e para o douto: “Euphonia violacea”, *Ammodramus humeraralis*”, “Tangara cayana”, a mim que não sou doutor nem regionalista: “Guriatã, o intérprete”, pois o pequenino pássaro, o cantor da orla e da mata, imita com perfeição todos os outros.

Em 1610, o padre português Jacome Monteiro, escreve ao rei de Portugal: “É o pássaro mais músico de quanto há nesta Província, porque arremeda a todos os mais, e por isso o chamaram de “guiranheenguetá”, que quer dizer pássaro que fala todas as línguas de todos os mais pássaros”. São mui prezados. Estes são os que de ordinário se conservam cá em gaiolas”.

Moleques, nós embrenhávamos nas matas do cacau com gaiola de talas de bambu ou gaiolas de cortiça e taquara, pendurada no dedo ou na palma de uma das mãos e alçapão na outra. Quando não tínhamos dinheiro para comprar alçapão, lambuzávamos um galho com visgo de jaca com iscas de banana, milho ou milho-alpiste, escondíamos à distância, não levava muito tempo, o passarinho esperneava-se grudado no visgo pedindo socorro!...

Naquela época, os moleques se dividiam em grupo de idéias de gente grande e o grupo de amadores. O grupo mais profissional, o de gente grande, só criava curió, canário, pássaro preto, sabiá; o outro, o amador, que valorizava o prazer, o divertimento, a brincadeira e não o dinheiro, pegava o pintassilgo, a rolinha, o bem-te-vi, o sanhaço e o guriatã... caiu na rede era peixe, minto, caiu no alçapão era passarinho...

Não me incomodava com a sujeira (cocô) que o guriatã fazia na gaiola, a minha mãe Judite é que não ficava prosa, porém, o seu canto quebrantava-lhe o ânimo. Se por descuido deixasse a gaiola aberta e o guriatã batesse asas, ela rendia homenagem ao pássaro, cantarolando a composição “Guriatã de Coqueiro” de Severino Rangel de Caralho Ratinho, cantor e compositor paraibano da dupla **Jararaca e Ratinho** de tempos idos:

“... Eu não sei por que motivo

Guriatã foi-se embora  
 Foi-se embora e me deixou  
 Também a minha viola  
 Companheira inseparável  
 Que minha mágoa consola”

Porém, se a minha intrusa peraltice invadisse esse momento, corrigia-a para distante ouvir a minha musa, a minha tia, a mulher que me criou voltar a cantarolar:

“...Vou fazer uma promessa  
 Ao meu santo protetor  
 Pra fazer ele voltar  
 Esse pássaro cantador  
 Pra alegria do meu rancho  
 Que nunca mais se alegrou”

Hoje, os tempos se foram, os cabelos loiros encaneceram, mas no espírito o moleque permanece, também, os cuidados daquela avezinha de muitos cantos, de penas de azul escuro brilhante em cima e penas amarelas ao longo do corpo e na frente da cabecinha, uma coroinha de penugens cor de ouro que Deus colocou, longe no tempo, ouço viva a voz de minha mãe Judite:

“Guriatã de coqueiro  
 Bateu asas e foi-se embora...”

Autor: Rilvan Batista de Santana  
 Itabuna, 07.05.2011.

São Caetano  
 R. Santana

O São Caetano, hoje, é privilegiado pela quantidade de suas igrejas, a igreja Santa Rita de Cássia é a mais velha e a mais suntuosa, mas existe templo Adventista, Batista, Testemunha de Jeová, Universal, Assembléia de Deus, Igreja da Graça, além de igrejas dissidentes locadas em salão de garagem, portanto, se algum pesquisador fizer uma enquete, encontrará mais igreja do que bar (não é heresia), o que é generoso para a população, não obstante algumas servirem de fachada para exploração da fé e do bolso de incautos fiéis.

Porém, em tempos idos, muito antes de Frei Joaquim Cameli desembarcar por estas bandas, muito antes dos padres capuchinhos passarem aqui, na época das missões, a fé dos moradores do São Caetano era confiada a Dona Pedrina, Manuel Canguruçu,

Mãe Ester, Caboclo Ló e Maria Sertaneja, os primeiros e principais pais-de-santo, filhos de Iansã, Obá, Ibeji, Oxossi, Ogum, Iemanjá e outros orixás, filhos da umbanda de Angola...

O seu sincretismo religioso fazia inveja às idéias ecumênicas atuais. Todos, sem traumas, tinham idéias cristãs permeadas de orixás, salvo, os pais-de-santo charlatães, de interesses escusos, manifestavam crença nos exus como meio de solucionar os males físicos e os casos de possessão dos seus clientes. Naquele tempo, todo barracão tinha um espaço reservado aos santos, à queima de velas, às oferendas e um quartinho escuro cheio de mistério, onde segundo a lenda, o babalorixá mantinha o Diabo preso e o soltava em sessões especiais.

Missa? Missa nos eventos anuais: Sexta-Feira Santa, Natal, Dia de São José e Quarta- feira de Cinzas. Os moradores emperiquitados, roupa domingueira, cabelo brilhantina, desciam a pé, a cavalo ou de carroça para o centro da cidade, no retorno, se despiam daquela parafernália indumentária, arregaçavam a bainha, penduravam os sapatos nas costas e voltavam pegando picula na estrada, às vezes, estrada enlameada.

Porém, os adultos gostavam mais das festas e danças de candomblé, não movidos pela fé, mas pela superstição e requebro dos quadris das morenas e negras ao som dos tambores, possuídas pelos orixás... O som dos tambores era ouvido ao longe e ao invés do som repicado e monótono dos sinos, era mágico o som dos tambores de D. Pedrina ou de Manoel Canguruçu ou de Maria Sertaneja. As filhas de santo, de corpo escultural, de roupa branca e descalça, todo o corpo se mexendo, principalmente, os quadris e os ombros, movimentos eróticos levavam à loucura os filhos de santo, de vez em quando, uma filha de santo embuchava do pai-de-terreiro ou dos filhos-de-santo, aí, o pobre coitado ficava na casa do sem jeito, o jeito era amancebar-se. O pai-de-terreiro participava da dança de candomblé ou ficava sentado num estrado com postura de bispo, abençoando-os e recebendo louvores.

Cada pai-de-santo incorporava um orixá (Bará, Ogum, Oiá-Iansã, Exu, Ibeji, Odé, Otim, Oxalé), estes orixás controlam (conforme a crença), as forças da natureza, portanto, existe o orixá de cura, o orixá para expulsar os espíritos maus, orixá pra controlar as paixões, orixá Tinhoso, orixá para benzer as encruzilhadas, orixá da fortuna, enfim, orixá para fazer o bem e orixá para fazer o mal.

Os candomblés mais arrumados eram o de Dona Pedrina, o de Manoel Canguruçu e o candomblé de Maria Sertaneja. O candomblé de Pedrina era freqüentado pela elite e pelos políticos, a elite, interessada em suas lindas filhas de santo e os políticos interessados no aumento do seu cacife eleitoral. O candomblé de Manoel Canguruçu era voltado para cura de pessoas com obsessão de perseguição, vítimas de bruxaria, endemoninhadas, possessas, e, não para o tratamento de neuroses histéricas, depressão, perturbação obsessivo-compulsiva, esquizofrenias e outras psicopatias. O candomblé de Maria Sertaneja cuidava dos despachos, da coisa-feita e das mandingas de encruzilhada.

Os malucos eram tratados por Manoel Canguruçu por certa “unguentoterapia”, uma substância estranha de rato morto, sapo, urubu, cobra, lagartixa que ele triturava tudo num pilão e deixava de fusão com uma mistura de ervas, após alguns dias, no sol e



no sereno, aquilo se tornava uma “pasta putrefata” que era espalhada no corpo do maluco que se não ficasse bom...

Porém, as mulheres malucas, as moças histéricas, de calundu, as moças mal amadas, reprimidas pela ignorância dos pais e dos costumes, cheias de faniquitos, eram tratadas por Manoel Canguruçu com água de cheiro e muita mordomia, as más línguas juravam que elas caíam na lábia e na cama do pai-de-terreiro como a “mosca no leite”.

Um episódio policial acerca do candomblé é contado até hoje pelos moradores mais velhos, protagonizado pelo sargento Mário Silva, delegado do São Caetano naquela época: - As filhas de Iemanjá do Pai João Demétrio, voltavam do Rio Cachoeira com uns tabuleiros de oferenda, vazios, todas de traje branco, pulseiras e argolas, quando foram paradas pelo Jeep Willys do delegado, que autoritariamente, fez as moças subirem no automóvel com os tabuleiros e as levou para cadeia da cidade a pretexto de nada, mintou, a pretexto de alimentar o seu ego etílico e autoritário.

Hoje, as histórias de antigamente, parecem contos da carochinha, histórias de Trancoso, fatos inverossímeis, porém, são histórias verdadeiras, credices de gente simples, credices que contribuíram para crença racional e o sincretismo cultural e religioso atuais. Naquela época, padre, pastor, médico, advogado e engenheiro eram de ouvir dizer... O São Caetano daquele tempo era uma comunidade de trabalhadores rurais, jagunços, burareiros, carroceiros, aguadeiros, bodegueiros, retirantes, mestres de ofício, a maioria absoluta, analfabeta e supersticiosa, mas sem essa gente, os caetanenses de hoje, não poderiam contar sua História.

**Autor: Rilvan Batista de Santana**

**Fonte oral: Pedro Batista de Santana**

Réquiem

R. Santana

Hoje, acordei com o pressentimento de morte. Não sei quanto tempo vou durar, mas sei que não vou demorar muito neste planeta Terra. Se fosse versado em música clássica como Mozart, começaria escrever a minha música para o meu sepultamento: “requiem aeternam”, na versão dos doutos: repouso eterno! Porém, quem disse ao energúmeno que criou este tal “requiem aeternam”, que eu quero repousar eternamente? Se o movimento, o dia a dia, a atribulação, os desafios e as superações que fazem a vida gostosa e o desejo de viver. O matuto é feliz quando diz: “Se morrer é descanso, eu prefiro viver cansado”.

No meu sepultamento, não ficarei menos feliz se na falta de um Mozart, se alguém providenciasse Roberto Carlos, Chico Buarque ou Milton Nascimento, nossos

maiores cancioneiros, enquanto meu corpo frio fosse baixado na terra árida ou o caixão fosse colocado numa gaveta, os parentes, amigos e amigas cantassem “O Senhor é Santo”, “Jesus Cristo” ou “Cálice”, estas canções não me aliviariam descer ao inferno, mas consolariam os corações dos que estiveram comigo até o fim, para os mais crédulos cristãos, o fim do começo, a espera da ressurreição.

Não ficarei depressivo quanto Mozart, que atribuiu o pedido do réquiem ao mensageiro do Destino que queria encomendar uma peça musical para si e não para um conde alemão qualquer, pois o mensageiro sumiu com a mensagem...

Entretanto, não faz jus pela dificuldade, eu pedi à viúva e aos amigos uma missa acompanhada por uma orquestra tocando uma música de Mozart, de Beethoven ou de Joseph Haydn, se estou lhe deixando modestos recursos, portanto, as músicas dos nossos cancioneiros populares, é que preencherão a nave da igreja e também os sentimentos dos meus entes queridos com a mesma força de uma música clássica.

Hoje, a preocupação dos ricos mortais, não é mais com a suntuosidade das missas (os padres encomendam o corpo na pedra fria da funerária), com as músicas fúnebres orquestradas, mas com a beleza do ataúde, a quantidade de coroas (quanto mais coroas, mais importante é o defunto), a quantidade de flores e a riqueza do mausoleu.

Os pobres mortais satisfazem-se com um caixão que não deixe o corpo no meio do caminho, o canto dos Salmos, uma sepultura na terra fria e a lembrança eterna do seu ente querido.

Mas, o pior de quem vai mudar daqui pra lá, é que do lado de lá é um mistério, ninguém ainda tem prova do que ocorre depois da morte. Os kardecistas alimentam uma vida depois da morte, com o mesmo formato daqui, em que o sujeito continua em atividade após a morte, depois de sucessivas reencarnações para o seu aperfeiçoamento espiritual, seu espírito viverá para sempre.

Cada religião tem um pensamento, o cristão espera a ressurreição, o muçulmano, espera encontrar o repouso eterno no paraíso junto de Alá. O budista espera encontrar um estado espiritual zen, através da intuição e da contemplação. O deísta, o panteísta e o ateu têm concepções diferentes, porém, todos eles não têm certeza do que acontece do lado de lá e ninguém faz questão de morrer, todos eles esperam que a morte chegue naturalmente sem atropelo e desejo.

Não desejo ir para o lado de lá, mas não existe saída, “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”, por isto, tenho que pensar num “requiem aeternam”, num repouso

eterno mesmo contra vontade. Os amigos, os parentes e os meus inimigos que me sigam, no entanto, desejo-lhes um século para um “requiem aeternam”, já que não sei o que é do lado de lá, mas estou certo que todos haverão de chegar...

Deus criou o homem e tudo que existe, ao homem lhe deu promessa de vida eterna. Qualquer que seja o caminho registra esta promessa, mas se não foi Deus que alimentou o homem a promessa de vida eterna através das Escrituras Sagradas, não é blasfêmia, mas seria melhor que Ele não o tivesse criado.

Porém, não devemos condenar os homens santos que alimentaram séculos essa esperança através da fé, se o homem não tivesse nada para se agarrar, sua crise existencial começaria desde o nascimento, seus dias seriam um inferno, suas tormentas acabariam com a sua morte.

A vida se finda, é a única certeza, não sabemos se a vida finda eternamente ou é o fim do começo para ressurreição ou reencarnação. Se a morte é o fim do começo, valeu a pena toda a crise existencial, todas as agonias terrenas, todos os sofrimentos, mas se não existe vida espiritual eterna, o ser humano não passa de uma coisa abjeta e desprezível, uma criatura com o mesmo destino de um sapo ou de uma rã, melhor seria que não tivesse tido a História da Humanidade, pois no futuro, o homem irá renegar Deus e construir o seu próprio destino.

A dúvida é cruel, mas vale a pena alimentar a esperança de vida eterna, senão, melhor morrer do que ter nascido.

**Autor: Rilvan Batista de Santana**

O suicida  
R. Santana

O sargento Caio Júnior se lembrava dos rodeios que fez Dr. Sílvio Schütz para lhe dar o diagnóstico de mal de Parkinson depois de uma bateria de exames que ele se submeteu desde testes musculares, testes de reflexos, passando por tomografia computadorizada, eletroencefalograma até a retirada de um líquido na medula espinhal, uma parafernália de exames...

Mas Caio entendeu o seu embaraço, é que se não fosse sua rapidez e sua destreza, Dr. Sílvio Schütz teria esticado as botas num acidente de automóvel há 3 anos quando voltava embriagado de uma festa. Lembrava que o Corpo de Bombeiro foi

acionado naquela madrugada para lhe prestar socorro e dos 4 passageiros, somente o médico escapou: Caio puxou-lhe do carro com presteza e habilidade, livrando-o daquelas ferragens e da possibilidade do carro rolar na ribanceira e explodir ao encontro de uma pedreira.

O neurologista empertigado atrás do computador procurava palavras e jeito para dizer a Caio Júnior que o tremor de sua mão era o início do mal de Parkinson:

- Sargento... eu não sei como lhe dizer... não é comum... pode ser um rebate falso... mas...- Caio Júnior o interrompe:

- Doutor, fale de uma vez!

- Calma. Vou lhe encaminhar para um colega mais inteirado dessa doença de Parkinson!

- Doença de Parkinson, doutor!?

- Não sei ainda, pode ser um engano, uma troca de pessoa... – ele não se contém:

- Doutor, soube que essa doença dá em velho, ainda vou completar 40 anos?!

- Concordo sargento, o mal de Parkinson não é muito comum em pessoas com menos de 60 anos, por isto, estou lhe encaminhando para um especialista, certo que não passou de um lamentável equívoco!... – Caio Júnior se interessa:

- Doutor me dê o resumo dessa doença e se existe cura?

- O Parkinson é a degeneração paulatina dos neurônios, afetando os neurotransmissores, é demência, é atrofia pouco e pouco dos membros superiores e inferiores, não se sabe ainda se o mal de Parkinson é provocado por fatores genéticos ou ambientais, não existe cura, mas a medicina dispõe de muitos recursos atualmente, não se desespere, você vai ficar bom!...

Caio Júnior saiu do consultório atordoado, certamente, o médico estava usando o artifício de ouvir uma “segunda opinião” para lhe poupar constrangimento e desespero antecipados. Não ia fazer novos exames nem procurar outro médico, ele confiava em Sílvio Schütz, além de bateria de exames que fez, os sintomas da doença eram os mesmos que estava sentindo. O médico lhe devia e a Deus sua vida, se naquela madrugada tivesse sido negligente por minutos, ele não estaria ali usando de eufemismo para diagnosticar o incurável Parkinson.

Dois meses depois.

Caio Júnior repetiu os exames, o neurologista indicado por Dr. Sílvio Schütz foi mais profissional e menos afetivo, disse-lhe ser raro o mal de Parkinson em sua idade, porém, essa doença já havia se manifestado em pessoas mais jovens, não acreditava em

fatores ambientais, no estresse do seu trabalho, mas em complicações genéticas. Embora não houvesse cura, havia tratamento, algumas pessoas levavam anos pra morrer e uma vida quase normal e concluiu:

- Caio, o homem é mortal são ou doente, porém, a morte não se satisfaz sem um pretexto, enquanto ela não chega, vamos à luta!...

Ele saiu do consultório médico bufando de raiva, atravessou mais de um quarteirão resmungando: "... pimenta no olho do outro é frescor... O filho da puta pensa que tenho medo de morrer, mas fica doído ficar em cima da cama a mercê de A ou de B". Quantas vezes arriscou sua vida para salvar gente que não conhecia? Inúmeras. Não passou um dia sequer na corporação sem prestar socorro, em quase duas décadas de trabalho, havia sido honrado com várias medalhas por mérito e bravura. Agora, estava ali engessado por uma doença degenerativa sem nada pode fazer, esperando a morte chegar...

O sargento concluiu que pouca coisa restava fazer, dali em diante ia adentrar no inferno em sofrimento e dor, não sabia se duraria pouco ou muito tempo, os sintomas da doença começavam incomodar, o tremor da mão já tomava o braço e se não fossem os remédios, o seu lado esquerdo estaria enrijecido, mas seria uma questão de tempo, o processo seria irreversível, mais dias menos dias, ele estaria numa cadeira de rodas, a mulher ou os filhos mais velhos, levando-o dali pra aqui ou daqui pra acolá, mas não ia esperar essa morte indigna, ia dar cabo de sua própria vida, ia se suicidar!...

Pensou, no início, amarrar uma corda de nylon na cumeeira de sua garagem, colocá-la no pescoço, com o auxílio da escada, em seguida estrebuchar-se enforcado, uma operação simples, ao alcance de qualquer suicida, mas lembrou-se que seria um quadro lúgubre, um impacto soturno na mente dos seus filhos e esposa, não, não, não iria se enforcar... Pensou simular um acidente no carro do Corpo de Bombeiros, todavia, corria o risco de acidente fatal com terceiro ou colega, ideia que matou no nascedouro.

Se a morte de arma branca não fosse tão dolorida e sinistra iria usá-la, mas pensava que socorrido a tempo e não perfurasse em lugar mortal poderia escapar, aí, teria vergonha de encarar mulher, filho e amigos...

Concluiu que o mais certo seria usar estricnina, pois em segundos de espasmos musculares, convulsões e asfixias respiratórias o sujeito está preparado para ir à cidade de pés juntos. Além disto, se a morte fosse bem planejada poderia ser confundida com um infarto fulminante. Não iria cometer o mesmo erro de Bentinho em Dom Casmurro, tomaria a estricnina quando não tivesse ninguém em casa, à noite, e em cápsula

biodegradável de 50 miligramas, os médicos-legistas demorariam um tempo para descobrirem, mesmo assim, se a família autorizasse a necropsia, o sinistro teria que ter cara de morte natural e ficou para o dia...

Três meses depois.

O dia D chegou, naquela noite, ele ficaria sozinho, não, ficariam Caio Júnior e Greta Garbo (a gata) a sós, sua mulher e os seus filhos iriam pra festa de aniversário de seu cunhado. Não iria ao aniversário, ideou os mais diversos e convincentes pretextos, ligou para o cunhado e lamentou não poder comparecer, mas desejou-lhe toda sorte do mundo.

Pela manhã, abriu a Bíblia e ficou espantado no que leu: "... E, se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do homem, ser-lhe-á perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século nem no futuro." [Mateus 12:31-32].

O suicídio é uma afronta ao Espírito Santo, é destruir abruptamente a morada do espírito que Deus deu ao homem, até Judas Iscariotes seria perdoado se não tivesse cometido ato tão desprezível!...

Ficou intrigado com a passagem do Evangelho, mas não mudou de ideia. Cedo ainda, procurou o caminho da farmácia para comprar remédios de cápsulas e mascarar o suicídio, quando no meio do caminho esbarrou num moleque, um meninote, que lhe reconheceu:

- Sargento Caio Júnior!?

- Sim!

- Não se lembra de mim?...

- Você é..., você é... – deixou que o garoto completasse:

- João Victor! – Caio não lembrou...

- O senhor é o meu herói!... – acrescentou:

- Na parede do meu quarto, tenho suas fotos e os recortes de jornais do dia que me salvou. Lembra, agora? – Caio lembrou:

- Você cresceu muito, rapaz!

- Hoje, faz quatro anos... Quê coincidência, hein? Há quatro anos fui salvo pelo senhor do fogo que destruía a minha casa. O senhor é o meu herói!... – Caio Júnior não valorizou:

- Meu amiguinho, eu fiz o dever de ofício... – foi interrompido:

-Não, não, o senhor arriscou sua vida para me salvar!... Como gratidão, acendo uma vela para Nossa Senhora todos os dias e lhe coloco nas minhas orações... - A vida tem dessas coisas... Shakespeare teve razão quando disse: “Existem mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia”. Feliz coincidência de Caio Júnior ter encontrado João Victor no caminho da morte, ele ficou quando o garoto lhe disse: “O senhor é o meu herói” e “lhe coloco nas minhas orações”. Ficou absorto por alguns segundos pensando na ironia do destino: “Será que Nossa Senhora tinha intercedido naquele encontro?...”, “Fazia tanto tempo que a despeito da descrença de muita gente tinha entrado numa cortina de fogo e salvo João Victor no interior do apartamento, protegido por um edredom encharcado de água, enquanto os colegas rompiam o fogo, em sua retaguarda, com enormes jatos d’ água”.

O moleque o chama à realidade:

- O senhor vai à farmácia?
- Você salvou o herói...
- O quê!?
- Os heróis não morrem!
- Não entendi!
- Ninguém entende Deus...

O homem é suas circunstâncias, a circunstância quis que ele fosse esbarrado em João Victor naquele dia, o “Mundo das possibilidades” lhe foi oportuno ou o destino, então, a intercessão da Providência.

Para Caio Júnior: “Os heróis não morrem...”

Autor: Rilvan Batista de Santana

O sonho de José Maria

R. Santana

Ele não arrotava valentia, era de paz sem ser medroso, porém, era conservador, beato assumido, radical de nascença, retrógrado por convicção, não cedia nem negociava seus pontos de vista, noivou, mas largou a mulher amada na noite de núpcias quando descobriu que tinha sido enganado, comido gato por lebre, carne de ontem por carne do dia, era assim “seu” José Maria Faisão, comerciante estabelecido.

Não era velho, também não era moço, dava “pro gasto”, como dizia sua vizinha solteirona, todavia, “seu” José Maria Faisão não dava confiança a nenhum rabo de saia, desde àquela noite que se sentiu traído pela única mulher que amou.

Queixava-se das coisas e não das pessoas, ou seja, se o médico não acertava na prescrição, culpava o tratamento e não o médico, ele evitava o confronto e maldizia as circunstâncias...

Naquela noite, depois de encher o bucho com fausto jantar, esticou-se no sofá e adormeceu, sonhou que estava no céu e mudou o seu jeito escorregadio para arrogante e crítico:

- Quero falar com Deus!

- Quem é o senhor? – perguntou-lhe o anjo porteiro.

- José Maria!

- Sua morada senhor?

- Venho lá de baixo ou lá de cima... venho... da Terra!

- Senhor, lá dessas bandas, é São Pedro o chefe!

- Pois, chame o seu chefe!



O anjo sumiu num átimo de tempo, José Maria pensou que o mensageiro de Deus tivesse se escondido atrás de alguma parede ou alguma porta, mas com a mesma rapidez que sumiu, ele reapareceu com o papa dos papas, o porteiro-mor do céu:

- Filho, quais as notícias boas que tu me trazes da boa terra!?

- Perdão Santo homem, mas lá é guerra, é violência, é tsunami, é doença, além da esculhambação dos maricas!

- O quê!?

- É o que disse!...

- Por que viestes?

- Vou pedir a Deus para destruir a Terra!

- No Juízo Final, os males serão consumidos no fogo eterno!

- São Pedro me perdoe, mas já se esperou demais!

- Filho, o tempo de Deus é diferente do tempo do homem...

- Ele virou às costas para o homem!

- Não fales essas heresias, filho, Deus é ágape, é amor!

- Se Deus não abandonou o homem como se explica tanta maldade, tanto desastre ambiental?

- São os desígnios do Criador! – Continuou:

- O Senhor escreve certo por linhas tortas... – sentenciou o santo.

- Até casamento de homem com homem e mulher com mulher... onde já se viu!?

-Filho, aqui, nós vivemos como irmãos, nem se casam e nem se dão em casamento!

- E esses despudorados ainda querem filhos... E os grilos nessas cabecinhas?... – arremedou a voz de criancinha conversando com o adulto: - Quem é seu pai? – Maria! – E sua mãe? – José! – dobrou-se de tanto rir.

- Filho, ainda não é motivo para Jeová destruir a humanidade!

- As guerras, os crimes torpes, a pedofilia, os incestos, a destruição da natureza, a prostituição glamourizada, a proliferação de igrejas mercenárias e a maldade humana cada vez mais maldosa... não... não... não são motivos mais fortes do que os do tempo de Noé!?

Silêncio.

- Jesus Cristo já desceu lá e foi crucificado, se Ele voltar, além de crucificado, será esquartejado e colocado numa mala, a humanidade é má, São Pedro!

Silêncio.

- Senhor, o homem de ontem, adorava o bezerro de ouro por ignorância e insegurança; o homem de hoje, tem consciência de Deus, mas clama por dinheiro, sexo e poder!

Silêncio.

- Juízes corruptos, padres e pastores xibungos e fornicadores, além deles ludibriarem a boa fé do povo sofrido!

- Filho, Jesus Cristo recomendou que não “julgueis para não serdes julgados”, somente Ele, recebeu autoridade para julgar o homem no Juízo Final!

- Por isso, quero ver Deus!

- Filho, o homem não vê Deus!...

Silêncio.

- São Pedro, quando será a consumação dos tempos?

- Filho, é um mistério da Santíssima Trindade! Não tenho o mistério da vida e da morte...

O som do despertador misturou-se às últimas palavras do porteiro-mor do céu. José Maria acordou-se assustado e confuso, mais assustado do que confuso, mesmo no sonho, perguntou-se de onde arranjava tanta coragem para provocar o santo homem, pois não gostava de apontar os defeitos das pessoas, condenava as coisas da vida, e desesperado clamou:

- Meu Deus, meu Deus, porque abandonastes o homem!? Meu Deus, meu Deus, porque abandonastes o homem!? Meu Deus, meu Deus, porque abandonastes o homem?...

Silêncio.

**Autor: Rilvan Batista de Santana**

**Gênero: Conto.**

O segredo  
R. Santana

As peraltices de Karina e suas traquinagens davam-lhe graça e beleza ao invés de torná-la mal educada e birrenta. Naquela tarde teimou contar um segredo à Amanda, sua mamãe, mas exigia-lhe que ninguém lhe ouvisse, nem mesmo os totós, o canário e o gato, ela queria cochichar ao ouvido da mãezinha um segredo.

- Mãeinha... mãeinha... é um segredinho... bem pequenininho!...

A jovem mãe, grudada ao computador, ciosa em fechar um relatório de trabalho e acostumada com as peraltices de Karina, às vezes, com brincadeiras exageradas pelo fogo da idade, não estava prosa:

- Filha, eu estou ocupada, conte ao papai!...

- Já falei... – Amanda protela:

- Conte ao totó!

Silêncio.

-Mãeinha... mãeinha...

- Quê é Karina?!

- Já contei a Billy!...

- Ele disse o quê? – Amanda adiava...

- Hein?...

- Billy falou o quê?

- Latiu e me deu um beijo!

Silêncio.

-Mãeinha... mãeinha... é um segredo pequenininho!...

- Conte, agora, a Hanna!

Silêncio.

-Mãeinha... mãeinha...

- Fale filha!

- Totó gosta de Karina!...

- Eu também gosto de Karina!

Silêncio.

- Mãeinha... mãeinha... é um segredo pequitinho!...

-Deixe a mamãe trabalhar!

Silêncio.

- Mãeinha...

-Hein?!

- Lolita disse que você não gosta de Karina!...

- É mentira! Essa gata...

-Por que mãeinha não deixa falar meu segredinho?... – já com bico de choro...

- Conte ao canário!

Silêncio.

- Mãeinha, o canário cantou que Karina é linda!...

Silêncio.

- Mãeinha...

- Karina me deixe em paz!!!

Foi a gota d' água... Ela correu para o quarto, agarrou-se à boneca e abriu o berreiro:

- Mãeinha não gosta de Karina!... Mãeinha não gosta de Karina!... Mãeinha não gosta de Karina!...

Amanda desabou... Correu atrás dela, ninou-lhe junto ao peito, e, quis saber o segredo:

- Qual o seu segredo, filhinha? Qual o seu segredo, filhinha? Qual o seu segredo, filhinha?...

Karina puxou a cabeça da mamãe à altura de sua boquinha e cochichou:

- Karina ama mãeinha de coração!...

**Autor: Rilvan Batista de Santana**

**Gênero: Conto**

O orador e o escritor

R. Santana

Eles têm em comum o uso da palavra, são os artesãos da palavra, eles têm o dom de expressar através da oratória ou da escrita o pensamento. Entretanto, nem todo orador tem o dom da escrita e a recíproca é verdadeira.

Na minha crônica: “A palavra e o tijolo”, deixei bem definido a função e o valor da palavra quando disse: “A palavra é o tijolo do pensamento. É com a palavra que se constrói o alicerce, as paredes, os cômodos e o teto dos conceitos e dos sistemas teóricos. Às vezes, uma palavra sozinha encerra um significado.” Portanto, a palavra é a

ferramenta principal, a condição sine qua non do escritor e do orador para expressarem os seus pensamentos.

A Bíblia, o livro de muitos escritores inspirados por Deus, expressa nos seus textos o valor divino da palavra: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por meio dele" (João 1:1-3), isto é, antes do mundo ser criado a palavra estava com Deus, "o Verbo era Deus".

Dentre alguns virtuosos da palavra escrita e da oratória, a História registra: Demóstenes, Péricles, Cícero, Rui Barbosa, Afonso Arinos, José de Alencar e outros luminares da História do Mundo. Gênios da palavra como Aristóteles, Platão, Shakespeare, Alighieri, Allan Poe, Hemingway, Goethe, Schiller, Kafka etc., não primavam à eloquência, à retórica, mas foram deuses da palavra escrita.

Faz-se necessário dizer para o entendimento do leitor, que não obstante o reconhecimento desses operários da palavra pelas gerações futuras, muitos pensadores, muitos escritores, muitos poetas, foram discriminados, relegados ao ostracismo e à miséria no seu tempo.

Escrever é uma atividade solitária. Para ser escritor não será necessário ser um Dostoievsky, um Machado de Assis ou um Eça de Queiróz, mas ser um leitor contumaz (as idéias não são construídas do nada), fazer da escrita um exercício permanente, subsidiar-se de um bom vocabulário e não se preocupar com os censores de plantão... Hoje, as editoras têm seus revisores profissionais e recursos técnicos de correção ortográfica que auxiliam o autor na correção de um texto. O importante é ter uma boa idéia na cabeça e desenvolvê-la de maneira articulada e ter em mente que escrever não é um ato de inspiração, é um trabalho intelectual puxado, o talento e o estilo fazem a diferença.

É de domínio público, as dificuldades que os escritores, hoje consagrados, tinham para expressar as suas idéias e os seus pensamentos no papel eram enormes em todas as épocas, quem tiver a ventura de ler os rascunhos dos livros do romancista Graciliano Ramos, um dos regionalistas mais elogiado pela crítica literária, irá se debruçar em um amontoado de frases e palavras riscadas e substituídas pelo autor.

As considerações acima servem também para o orador, não obstante, na atualidade, são raros os oradores com a mesma eloquência, a mesma retórica, a mesma prolixidade, o mesmo perfil dos oradores de outrora. Hoje, o orador foi substituído pelo palestrante ou pelo conferencista que é mais um diálogo, uma conversa, onde se valoriza a interação entre o sujeito da oração e o interlocutor.

Conta-se que Demóstenes, o maior orador da Grécia antiga, era gago e venceu suas limitações retóricas através da perseverança e indescritível força de vontade a ponto de utilizar terapias de fonação esdrúxulas para os dias atuais como falar com pedrinhas na boca ou discursar perante o mar com o barulho das ondas.

Atualmente, existem escolas para escritores, bons cursos de redação, estudos interessantes de gramática, de filologia, recursos fonoaudiólogos para melhorar a audição e a voz, cursos para melhorar o desempenho do orador em público, técnicas médicas para melhorar a dicção, porém, não se deve perder de vista que o escritor gênio ou o orador excepcional nasce com o dom da palavra, com essa vocação, com esse potencial.

O orador e o escritor não são feitos nos bancos escolares, eles nascem feitos.

Itabuna, 05.03.2011

O desespero do Diabo  
R. Santana

Não faz muito tempo o Diabo reuniu os seus assessores e comunicou o seu desespero: - Eu estou farto de tanta gente ruim! – Assim começou o Senhor das trevas... No seu discurso, alegou que quando rompeu com Deus, pensou fundar o “Império das Trevas”, de gente boa, gente santa, gente direita, gente que não lhe desse trabalho, por isto, deu muita abertura, escancarou as portas do Inferno, mas fazer o quê? Estava sozinho! Precisava de gente para fundar o seu reino, gente pra colocar a mão na massa!... Pensou que no decorrer dos Séculos, ele pudesse separar o joio do trigo, mas o diabo é que só tinha joio não tinha trigo, os filhos de Deus desconfiaram de tanta bonança, do caminho largo demais, sem percalços, tudo permitido e aceito, esmola grande até cego desconfia, então, os filhos de Deus enveredaram pelo caminho estreito e o tiro tinha saído pela culatra!...

Reconhecia o seu erro logístico, deveria ter imitado o Altíssimo e ter estabelecido regras rígidas de conduta, pois quem o procurasse, seria por convicção, seria por amor, lhe fosse fiel, não lhe traísse as ideias, lhe fosse companheiro, amigo, mas lhe restou: malfazejos, assassinos desalmados, políticos venais, comerciantes inescrupulosos, juízes corruptos, policiais criminosos, padres e pastores pedófilos, traficantes, afora os escravos do vício e da luxúria. Portanto, iria reunir o seu staff e conversar com o Criador, não foi Ele que criou o homem? E, completava: - Quem pariu Mateus que balance...

Pela misericórdia de Jeová não lhe foi difícil ser ouvido:

- Altíssimo, confesso-Lhe que fui vencido, não cuidarei mais de alma humana – começou o anjo rebelde -, quero Lhe entregar todas as almas que estão no inferno!...

- Lúcifer, quando criei o homem, Eu lhe dei raízes e asas...

- Senhor, o homem não soube usar o conhecimento nem o livre arbítrio, hoje, o homem é a maldade em si... Não nasce bom como disse Rousseau, ele já nasce mau!... –

O Senhor deu corda ao Diabo:

- O quê tu queres Satanás?



- Tu deste a vida ao homem, agora, Tu dê-lhe o céu como abrigo...

- Satanás, o homem foi a única criatura que me agachei... Eu peguei o barro e o modelei à minha semelhança, portanto, Eu o amo, se tu o converterdes, o céu será o seu refúgio!

- Senhor, varei Séculos ensinando Te arrenegar, como irei, hoje, convencer o homem Te amar!?

- Espírito das Trevas, o meu amor é infinito, conhecestes o meu fiel servo Abraão e o desafio que lhe fiz quando intercedeu para que Sodoma e Gomorra não fossem destruídas?... Ide e mostre tua verdadeira face e os homens arrependidos terão o céu como abrigo!...

Leitor amigo, o Anjo que me contou esta história, jurou de pés juntos, que o Arrenegado vociferou, vociferou, vociferou... mas não voltou mais ao céu, menos ainda, na presença do Senhor... Mais uma vez as Escrituras Sagradas se cumpriram quando diz: "... demais, entre nós e vós está firmado um grande abismo, de modo que os que querem passar daqui para vós não podem, nem os de lá passar para nós..." (Lucas, 16:19-31). E, o Anjo completou:

- Filho, o Inferno está em polvorosa e o Bruxo das Trevas em maus lençóis. Descobriram o que ele foi fazer no Céu, agora, é chamado pelos opositores de "traíra", "Joaquim Silvério dos Reis", "Judas", pois além dele quebrar a hegemonia de poderes, ele não consultou os infernenses... – não o deixei concluir:

- Quem lhe faz oposição?

- Os criminosos, os pervertidos, os sindicatos, os ladrões, os pedófilos, professores enganadores... – insisti:

- Anjo, eu quero saber dos políticos!?

- Ah, ah, ah!... Políticos? Alguns políticos querem ser o presidente do Inferno!

- Meu Anjo, os nomes?...

- Saddam Hussein, Bush, Hitler, Pinochet, Papa Doc, Stalin... - eu o interrompi novamente...

- E brasileiro?

- F. Pei..., Méd..., AC..., C. Sil..., C. Bran..., Fig..., C. Pres... C. Marigh..., G. Var..., eles preferem ser o primeiro no Inferno a ser o segundo no Céu... – continuou:

- Mas o brasileiro é jeitoso de natureza, é manhoso, é malandro, é escorregadio, é oportunista e gosta do poder... Por enquanto, ainda estão com Satanás, mas quando a turba do mal se levantar contra o Tinhoso, os brasileiros darão o bote e assumirão o comando do lugar das trevas.

Leitor amigo, a declaração do Anjo me fez pensar quão difícil será a extinção do mal porque nem o Diabo dá conta...

**Autor: Rilvan Batista de Santana**

**Itabuna, 04.09.2011**

O cadáver  
R.Santana

Ele estava ali estirado, o cadáver, o nada diante do tudo e tudo diante do nada, mas o tudo é o nada... Deus, ó Deus, onde estás que não vês o nada?! Nós todos, somos o nada diante de Ti! O nada é o cadáver, mas o cadáver já foi o tudo e o tudo um dia será o nada! O nada é o que existe...

Meu Deus, meu Deus, por que o tudo um dia tem que ser o nada? Não basta à angústia do homem não saber de onde veio, quem é, e, para onde vai? É preciso ainda ter consciência que não é nada?! Se os nossos dobrados de lágrimas e dor chegassem a Ti, o mundo deixaria de ser imundo e seria mundo. Deus, ó Deus, se o homem fosse tudo, deixaria de ser besta fera, desumano, desalmado e passaria ser humano!...

Deus, ó Deus, as frias carnes depositadas ali na pedra fria da funerária, serão comidas pelos vermes sem cerimônia, não importa para o verme, se um dia essas carnes foram vestidas por cambraia, seda, algodão, casimira, brim, cáqui ou jeans. Se a carne é

de sábio ou de ignorante, o que importa para o verme que a carne será sua comida, depois, verme e carne serão pó e mais do que nada.

Meu Deus, meu Deus, é justo ao homem o nada?! Nenhuma morte é digna, a morte é a indignidade da vida. Se o apóstolo diz: “Ou não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que habita em vós, o qual possuís da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço; glorificai pois a Deus no vosso corpo.” (Cf. 1Co 6:19,20). Como justificar a presença do Deus no nada? Não seria mais fácil dizer que Deus nunca esteve no corpo do homem? Portanto, o nada sempre foi o nada desde o início dos tempos!...

Estava ali o cadáver, pranteado e amado pelo tudo, tudo que amanhã será nada. Cadáver maniqueísta que foi bom ou mau e que viveu bem ou mal, qual o lado que o verme primeiro vai comer? Se o verme for bom, primeiro ele vai comer o lado mau se o verme for mau, ele vai começar pelo lado bom. Na vida não existe meio termo, só existe o bem ou o mal.

Porém, quando a vida se esvai, resta, somente, o cadáver, a luta entre o bem e o mal não tem sentido. O tudo não chora à chegada do nada, o tudo chora à exiguidade da vida, o tudo percebe que não é nada.

Estava ali estirado, o cadáver, sem vida e sem alma, mas será que existe alma, independente do corpo? Ou, alma é a energia que anima o corpo e se exaure deixando o cadáver? Os cientistas já conseguiram captar (filmar) a “energia” que se esvai do corpo nos estertores da morte. Há, hoje, quem advogue que esse processo não é instantâneo, leva em média, 20 dias para que o moribundo se torne cadáver.

Filhos, mulher, parentes, e amigos, choram e se descabelam sobre o cadáver, mas o cadáver é o nada, então, eles devem estar chorando, lembrando de tudo que é nada, a separação é eterna, a ressurreição e a reencarnação são embasadas na fé... Será que o nada um dia voltará ser o tudo? Ou, sempre o tudo será nada? Mistérios que o homem ainda não conseguiu decifrá-los, mas aceitá-los.

Ah, pais! Não devem chorar, porque o cadáver ali não é mais o seu filho, é um corpo depositado na pedra fria e indiferente da funerária, é um corpo estranho, não responde mais ao seu clamor, é o tudo diante do nada, ele não mais será acalentado no seio da família, pois o mundo da possibilidade exerceu o possível e desordenou a ordem natureza.

Em vão é o esforço do homem para juntar riquezas em detrimento da vida se o nada é o fim. Quantas vidas são ceifadas pelo vício e ambição material? Não se pode

contar. O homem moderno ainda continua com idéias atávicas, sua mente pouco evoluiu em relação ao tempo, os cientistas afirmam que o cérebro do homem tem uma grande parte inexplorada. Se a mente humana tivesse desenvolvido todas suas potencialidades ao longo do tempo, sua espiritualidade fosse zen, ele tivesse mais amor à vida e à natureza, o nada seria diferente...

Deus, ó Deus, por que fez do tempo o nosso cutelo? Não se entende a exiguidade de vida que destes a vossa criação diante do tempo infinito! Um meteorito leva centenas de anos para se desintegrar (morrer) no espaço enquanto o homem e as outras espécies, a vida é fugaz. Se a vida é tão curta, melhor é morrer... Se não nascêssemos não teríamos a angústia que somos nada, a exiguidade da vida desperta insegurança no homem desde o nascimento á morte.

Chora humanidade que hoje é tudo e amanhã será nada!... Chora alma minha que hoje é vida e amanhã será o meu cadáver depositado no inferno, onde os vermes não deixarão em paz as minhas frias carnes, devorando as carnes boas e as carnes más!... Se as promessas de vida eterna e remissão dos pecados de Jesus Cristo não se cumprirem, debalde foi nossa luta entre o bem e o mal!...

Autor: Rilvan Batista de Santana  
03.10.2011.

O ateu  
R. Santana

1

O cirurgião Mauro Brandt era um ás no bisturi, um médico de mancheia, se o mal não fosse de morte Dr. Brandt dava um jeito, pois além de cirurgião, era versado em outras áreas médicas, o homem era um cientista, porém, os seus pacientes ficavam sem jeito com suas heresias: “Quem lhe salvou foi o meu bisturi, não Jeová!”, “Ah, foi Jesus Cristo? Não o encontrei na mesa de operação!...”, por isto, à boca miúda, ficou conhecido com o epíteto: “O ateu”. Não pense o leitor que Dr. Brandt se espinhava com o apelido, gozava de satisfação quando se lembrava das caras assustadas de suas pacientes beatas diante de suas heresias, dos seus desdéns religiosos e sua falta de fé.

Mauro Brandt Júnior, um dos seus filhos, hoje com 36 anos de idade, amava o pai, mas reprovava suas blasfêmias, suas brincadeiras de mau gosto, quando podia, ele chamava a atenção do pai:

- Pai, respeite a fé e a religião dos outros!...

Doutor Brandt não era má pessoa, afora sua incredulidade, nunca dizia não aos seus pacientes, era prestativo, se alguém batesse em sua porta, sempre lhe encontrava predisposto realizar uma ação beneficente. Era um homem de posse, seria muito mais se negociasse sem pejo o seu talento. Gostava de luxar, dos prazeres da carne, do poder, porém, não era escravo do dinheiro ou de posição social, para o médico, o dinheiro e o status eram meios e não fins.

Para o Dr. Brandt, a vida é fruto do acaso universal, explosão de forças energéticas da natureza, e, o processo deu origem às formas primárias e secundárias dos seres vivos. Ele não vê a origem do homem em Gênesis, a Bíblia é o eufemismo da vida, é a maneira fácil para explicar a origem do homem e Deus. Nenhuma espécie surgiu “pronta” na face da terra, ele acreditava que todos os seres vivos sofreram mutações e seleção natural até o estágio atual, Darwin que mais se aproximou da origem das espécies.

Enfim, Dr. Brandt cultivava, sem vergonha, com propriedade, idéias positivas, kantianas, nietzschanas com desenvoltura e convicção e que a razão sobrepuja a fé e as emoções.

## 2

O Hospital Dr. Alexander Fleming reservou uma sala no 10º. Andar, contígua à administração, uma sala de estudo e repouso para Dr. Brandt dado sua importância profissional e serviços prestados. Naquela boquinha da noite, quando se preparava para ir embora, foi chamado às pressas, por uma estagiária, para atendimento de emergência:

- Dr. Khalil do CC-E, solicitou sua presença, urgente! – debochado:

- Se Khalil tivesse tanta urgência não lhe mandaria, ele sabe que sou doido por mulher bonita, usaria o interfone! – a estagiária corou:

- Mas, é que... é que... houve um acidente grave!

- Doutorzinha, desde quando não tem acidente grave nesta cidade com mais carros do que gente!?

- É... é... – Dr. Brandt perdeu a paciência:

- Desembuche jovem! Perdeu o fôlego!?

- É sua filha... – Ela não completou. O médico num gesto brusco, bufando, deixou a sala, pegou o elevador de descida e correu para o CC-E - Centro Cirúrgico-Especial.

Dr. Brandt teve três filhos: um homem e duas mulheres. Kelly, sua filha mais nova, foi a vítima desse acidente e sua mãe Paola. O doutor Khalil não lhe deu a notícia pessoalmente, por prudência, para lhe poupar, também, preocupado com a vítima, não podia desperdiçar tempo, enquanto a estagiária foi chamá-lo, ele agilizou todos os procedimentos e quando Dr. Brandt chegou ao centro cirúrgico, o anestesista, as enfermeiras, Dr. Khalil e o seu assistente já estavam apostos na mesa de operação.

Paola fraturou o antebraço, um corte superficial na cabeça, e algumas escoriações generalizadas de menor gravidade, sem risco de vida. Porém, ficou internada para as observações de praxe e por insistência do médico de plantão no mesmo Hospital Dr. Alexander Fleming, onde Kelly seria operada.

### 3

Quando Dr. Brandt chegou ao CC-E, os procedimentos já estavam sendo ultimados. Kelly ainda gritava de dor com as mãos pressionadas no abdome traumatizado. Dr. Brandt, a contragosto do seu colega Khalil, assumiu a cirurgia. Algum tempo depois, Kelly anestesiada, se deixava aos cuidados do seu pai, dos seus colegas e das enfermeiras.

O bisturi de Dr. Brandt fez uma incisão cuidadosa no abdome de Kelly, o quadro traumático mais feio do que aparentava na ultra-sonografia, o sangue pouco e pouco se espalhava pelas alças do intestino delgado, à altura do duodeno, era grande o trabalho das enfermeiras pra limpá-lo, como se mais de um vaso sanguíneo tivesse rompido...

O tempo urgia, a pressão da mocinha oscilava, aparelhos foram ligados para regular a respiração e os batimentos cardíacos, mas a vida se esvaía, o quadro parecia

irreversível... chumaços de algodão ensopados de sangue, quando... de repente... num átimo de tempo... Dr. Brandt deixa os seus instrumentos na bandeja... fez uma expressão no rosto de vencido e disparou para Capela do hospital, quedou-se e ajoelhou-se em busca de Deus:

- Senhor perdoe este desgraçado! Este miserável que tantas vezes zombou de Ti!... Sei que não mereço o teu perdão, blasfemei o tempo todo, zombei das coisas sagradas, mas não permitas que a minha filha desça ao vale da morte... Hoje, fui vencido pelas forças da natureza, não por falta de aptidão, já fiz centenas de operações iguais com sucesso absoluto... Vós perdoastes Saulo que prendeu e açoitou os teus discípulos, Tu perdoaste Pedro que te negaste três vezes, Tu perdoaste aqueles que te açoitaram e te colocaram na cruz, inclua-me entre eles, Senhor!... – O suor escorria-lhe pelo corpo...

Na sala de cirurgia a Providência tinha operado... Dr. Khalil, tenso, suado, ultimava as últimas suturas, os últimos arremates!...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Gênero: Conto

30.08.2011

Labirintos da inteligência  
R. Santana

Não faz muito tempo, solicitei o serviço de uma empresa de informática para consertar e configurar o meu computador. Enquanto o técnico mexia e remexia no CPU, observei que certas operações eram automáticas e repetitivas, o técnico, certamente, já tinha feito aquelas operações dezenas de vezes, embora o serviço de informática tenha o status de conduta inteligente, o raciocínio pouco lhe era exigido no desempenho daquela tarefa, então, descobri naquele momento, que as experiências retidas na mente de uma pessoa, são condições necessárias para o bom desempenho da inteligência.

Se inteligência é a capacidade de resolver problemas ou a reestruturação imediata de dados perceptivos com ingredientes emocionais e cognitivos, a medida do QI é tão relativa e inesperada quanto um atirador acertar na “mosca” de um estande a longa distância. A mente do ser humano não é um pedaço de matéria sujeito à medida

do homem e a sabedoria popular de que “nunca se conhece o outro” corrobora no mistério da mente.

Para explicação de mentes como a de Einstein, Leonardo de Vinci, Darwin, Winston Churchill, Thomas Edison, Rousseau, Maomé, e, outros gênios da humanidade, que tiveram desempenho sofrível em determinadas atividades e foram capazes de revolucionar o mundo quando descobriram os seus reais dons, a ciência, hoje, recorre às teorias de Daniel Goleman, Alfred Binet, Theodore Simon, mais recente, a teoria da Inteligência Espiritual de Danah Zohar e Iam Marshall, pois uma só teoria não responde às perguntas que o homem faz ao longo do tempo.

Existem coisas que quanto mais se explica, mais se tropeça em definições e conceituações. O neófito estudante de matemática não entende quando o professor conceitua a “Teoria dos Conjuntos” e dentre os conceitos, ele se depara com “Conjunto Vazio” e “Conjunto Unitário” que não aceção do dia a dia, conjunto significa várias coisas, ele não entende como “um elemento” e um “espaço vazio” têm o significado de “conjunto”, isto vale pra explicação de inteligência, quanto mais se conceitua ou se define “inteligência”, mais questionamentos se suscitam.

Sem rigor científico, “inteligência” é um grande labirinto, de compartimentos pequenos, médios e grandes, interligados (sinapses), em que o pensamento percorre e desenvolve elementos lógicos, elementos emocionais e elementos espirituais com potencialidades diferentes. Alguém afeito à lógica jamais irá cultuar a digressão, porém, em condições sócio-econômicas iguais, ele terá as mesmas possibilidades se perseguir os mesmos ideais.

O mestre chamar o discípulo de “burro”, “orelhudo”, por dificuldade de aprendizagem, é ignorar os meandros psicológicos e mentais, não se apreende o que não inspira prazer e significado (a percepção do menino da cidade é diferente do menino da zona rural), se o mestre souber combinar o gosto pela aprendizagem e o seu significado, ele não terá dificuldade de ensinar nenhum assunto.

A tradição de que a pessoa culta é mais inteligente do que a pessoa não culta vem de longe até os dias atuais. A Grécia berço da civilização ocidental reservava o trabalho manual, o trabalho braçal, enfim, a mão-de-obra não qualificada, para os escravos, as mulheres e os camponeses. Os filósofos, os oradores, os políticos, os sofistas (mestres do saber e contemporâneos de Sócrates), eram os cultores do saber, os detentores do conhecimento, os guardiães da justiça e do estado, a elite inteligente...



O homem comum, intelectualmente, é diferente do gênio? Potencialmente, não! Todos têm as mesmas faculdades e as mesmas possibilidades em condições iguais, apenas, o interesse e o significado de algo para o homem comum é diferente do interesse e do significado de algo para o gênio.

Se alguém, por exemplo, é um gênio da música, é que a música, aliada à disciplina e muito trabalho, foi o seu norte e sua razão de viver, se um gênio não persegue o seu ideal, ele não é gênio, é um homem comum.

Se Darwin e Isaac Newton não perseguissem suas idéias, eles não teriam deixado a “Origem das Espécies” nem a “Philosophiae Naturalis Principia Mathematica”, duas referências da Ciência Moderna. Certa feita, alguém perguntou a Thomas Edison, se seus inventos eram frutos de sua genialidade e para surpresa do curioso, ele lhe respondeu que os seus inventos eram frutos de “transpiração” e não de “inspiração”.

Um indivíduo de emoção instável, sob pressão, jamais terá o mesmo desempenho de um “cuca fresca” em um exame de vestibular ou coisa que valha, não por ser menos inteligente ou por ter menos conhecimento, decerto, a sua memória e o seu raciocínio serão embotados por fatores emocionais instáveis, portanto, desconfie de escalas Stanford-Binet, desconfie dessas medidas de QI, cuidado com os aplicadores contaminados desses testes!...

Autor: Rilvan Batista de Santana  
Itabuna, 10.08.2011

#### Tempo de Sodoma e Gomorra R. Santana

A Bíblia não mentiu sobre a destruição de Sodoma e Gomorra e mais três cidades vizinhas, há indicações históricas e arqueológicas que essas cidades existiram no Vale de Sidim. A ciência afirma que essa região encontra-se submersa no Mar Salgado ou Mar Morto, todavia, não afirma se o motivo dessa catástrofe foi um castigo de Deus pela degradação moral dos seus habitantes, ou, se essas cidades foram destruídas pelo fogo e submersas pelas águas devido ao deslocamento de placas tectônicas da terra, de tsunamis e outros fenômenos naturais, o fato é que essas cidades existiram.

Hoje, estamos vivendo o “Tempo de Sodoma e Gomorra”, pela depravação moral da sociedade, com respaldo da grande mídia, das casas legislativas, dos tribunais

e instituições governamentais, em nome da liberdade de expressão e dos direitos individuais e das cláusulas pétreas da Constituição Federal. Embora a Constituição de 1988, prescreva que todos nós somos iguais perante a lei, pouco e pouco, os direitos da maioria são solapados pelos privilégios legais das minorias.

Somos contra a violência física ou moral, porém, repudiamos em nome dos bons costumes, da família e de Deus, as condutas aviltantes que grassam em nossa sociedade, pervertendo mentes jovens e contribuindo para males sociais danosos. Não queremos ser nenhum Nostradamus ou afirmar que o nosso pecado chegará até Deus, como no tempo de Abrão e Ló. Porém, o crente atual acredita que os tsunamis, os vendavais, os maremotos, os terremotos e outros sinistros da natureza, são avisos de Deus para que a humanidade encontre o caminho do bem, da retidão moral, da justiça, da paz, que a humanidade não seja destruída em carne e espírito nos fins dos tempos.

Qual a pessoa de bom senso que não se arrepiava de medo com as marchas para legalização da maconha, casamentos de gays e lésbicas, paradas gays e a apologia de um novo modelo de família? Se não se manifesta contra ou escamoteia o que sente, é para não atrair a fúria desnecessária desses segmentos sociais que, a cada dia, têm atraído simpatias e apoios relevantes de pessoas que têm medo de serem estigmatizadas de preconceituosas, de atrasadas, etc., etc.

As pessoas têm que ser respeitadas conforme sua natureza. Entendemos que transformar o homem em mulher ou vice-versa empregando artifícios e métodos cirúrgicos revolucionários, somente, em casos de aberrações biológicas. Afora isto, é uma afronta da criatura ao Criador.

Ultimamente, as famílias (simples ou abastadas), que possuem boa formação moral e religiosa, proibem os seus filhos assistirem certos programas de televisão (novelas, entrevistas, humorísticos etc.), que de uma forma ou de outra, incentivam o homossexualismo com cenas de beijos, gestos de carícias, trejeitos e falas dos seus personagens em horário nobre.

Os donos desses meios de comunicação de massa, os autores, os jornalistas e os produtores não pensam noutra coisa senão no lucro e estão pouco se lixando para o conteúdo da mensagem veiculada desde que aumente o índice de audiência das emissoras ou eleve a venda de edições de revistas eróticas, revistas de TV, revistas semanais, e façam grandes contratos comerciais, ignorando esses profissionais da grande mídia, que a consequência dessa enxurrada de conteúdo glamouroso desagua na

promiscuidade sexual, na prostituição de adolescentes, na prostituição de adultos, na pedofilia, na droga, e, noutros crimes...

Enfim, não temos pretensões puritanas, não queremos consertar o mundo, somos contra a discriminação, o preconceito, a segregação, a violência e as penas capitais que sofrem os homossexuais em alguns países islâmicos. Entendemos que a condição homossexual é um fato, assim como as relações homoafetivas, todavia, achamos que em nome dos direitos individuais e da liberdade de expressão, as autoridades governamentais e juízes têm sido coniventes com alguns segmentos e negligentes com a maioria da nossa sociedade.

Autor: Rilvan Batista de Santana  
Itabuna, 21 de junho de 2011.

Geminiano  
R. Santana

Li em algum lugar, quiçá em Harold Robbins: “Quem não tem superstição não tem alma”. Um pensamento feliz do escritor nova-iorquino, pois todo homem é supersticioso, é um sentimento inato, gravado na alma de cada indivíduo. Quem ainda não deu uma olhadinha no seu horóscopo antes de fechar um negócio ou numa desilusão amorosa?...

O brasileiro é uma alma mística, contemplativa, espiritual, mas de atitudes práticas, concretas, machistas. Poucos se permitem confessar os medos, as esperanças, as angústias e as dúvidas que lhes afligem, ao padre, ao pastor, ao psicólogo, ao babalorixá, então, recorrem à leitura dum horóscopo de jornal ou de revista.

Os astrólogos, os feiticeiros contemporâneos, batem o pé que os nascidos entre 20 de maio a 20 de junho, os geminianos, são instáveis na vida e no amor. Embora sejam versáteis, brihantes, de palavra fácil, inteligentes, intuitivos, simpáticos, extrovertidos, de amizade fácil, providos de grande senso de justiça e fiéis aos seus ideais e aos amigos mais do que um cachorro, jogam tudo pro alto sem motivo aparente e tornam-se ranzinzas, polêmicos, infiéis, mal-humorados, às vezes, obtusos, cabeças-duras e fracassados.

Somente quem é geminiano sabe como é difícil ser geminiano. O geminiano, a grosso modo é de paz, mas por ser impulsivo, destemperado, não leva desaforo pra casa, porém, não alimenta ressentimento, maldade, vingança, é capaz de estender a mão ao seu mais figadal inimigo sem resquício de mágoa.

Alguém pode achá-lo cínico, sem-vergonha, desprovido de resíduos morais, de amor-próprio, ledo engano, é de sua natureza pacífica, gosta da amizade, tem ojeriza ao ódio, à vingança, aos golpes baixos, às articulações nocivas, enfim, despreza o mal e às maldades...

Machado de Assis, o maior escritor brasileiro, nasceu um dia após terminar Gêmeos, canceriano da gema, não acreditava que o comportamento e o destino do homem fossem determinados pela ascendência ou descendência dos astros ou das cartas de tarô ou bruxarias. Porém, a maioria dos seus livros traz alguma passagem dos seus

personagens consultando cartomantes, pitonisas, ciganas e astrólogos, o mais famoso deles, é o seu conto “A Cartomante”.

Para o meu amigo leitor que corre atrás do pão suado de cada dia, peço-lhe que me permita contar de maneira sucinta esse conto machadiano:

- É um triângulo amoroso entre Vilela, Camilo e Rita. Vilela é o marido de Rita que é amante de Camilo. Rita tem como guru uma cartomante que lhe mostra o caminho do amor e da felicidade...

Camilo faz pouco de sua ingenuidade e desdenha a cartomante e os seus vaticínios. Certo dia, ele recebe um estranho bilhete do seu amigo de infância Vilela, que lhe solicita um encontro com dia, hora e local.

Antes do encontro, movido por sentimento de premonição, Camilo deixa de lado os seus pruridos morais e resolve consultar, para desencargo de consciência, a cartomante que tanto desdenhara e termina acreditando no seu embuste.

Por isso, apressou o túburi ao encontro de Vilela, mas quando chegou, encontrou sua amante morta e foi morto com um tiro à queima roupa pelo marido traído. – Termina assim o conto de Machado de Assis.

O geminiano é inapto para o comércio e o empreendedorismo, não obstante ser um vulcão de idéias renovadas, não leva a termo um empreendimento por muito tempo, é emocionalmente inconstante, embora não seja um estróina, valoriza mais as coisas do intelecto e da alma do que bens e dinheiro.

Tem a fé de São Francisco de Assis numa semana, na outra semana, ele é agnóstico com a mesma veemência e ardor. Não chega ser ateu, mas é incapaz de sustentar por muito tempo as mesmas convicções religiosas e a mesma denominação.

Embora pareça bronco aos olhos daqueles que julgam pela aparência, o geminiano é versátil intelectualmente, uma cabeça pensante sem ser lógica, tem um desempenho acima da média nas ciências humanas e tropeça na Matemática, na Física, na Química... Consegue dominar bem os seus atos impulsivos, suas atitudes são refletidas e analisadas amiúde, porém, não tem capacidade de síntese, é um prolixo de natureza na fala e na escrita.

O geminiano tem um coração bandido e leviano, gosta de Maria, é apaixonado por Rita e ama Marina ao mesmo tempo. Gosta mais de sexo de que do coração. Sua paixão dura enquanto não é correspondido pela sua amada, parodiando Vinícius Moraes, o seu amor é eterno se não seduz... O geminiano em matéria de bem-querer, ele é comparado ao alpinista que tem um grande desafio na escalção duma montanha, mas quando a escala a graça é outra montanha mais alta.

Porém, se o leitor amigo estiver enfadado dessa prolixidade astrológica e rompesse-lhe a paciência e perguntasse:

-Tu és astrólogo, quiromancista, bruxo, cartomante, babalorixá, pai-de-santo ou pítton para conhecer tão bem os mistérios da alma e do coração? – responder-lhe-ia em cima da bucha:

-Meu amigo, eu sou geminiano!..

Autor: Rilvan Batista de Santana

Gênero: crônica

Escrever é um ato solitário  
R. Santana

O exercício da escrita é solitário e difícil, mais fácil é falar (a palavra voa, a escrita fica e o exemplo permanece), discursar, palavrear, tagarelar, jogar conversa fora, mas quando se deseja colocar no papel, palavras, conceitos e ideias, aí, a porca torce o rabo... Parodiando Thomas Edson, escrever não resulta só de inspiração, mas de transpiração, de persistência na elaboração e construção de um texto. No capítulo da curiosidade dos grandes escritores, a criatividade é uma manifestação divina, é o insight, todavia, a desenvoltura e o estilo são adquiridos através do trabalho e da experiência ao longo do tempo.

Quem rebusca as páginas das escolas literárias, irá encontrar escritores com passagem por mais de uma escola, a exemplo de Machado de Assis que teve um pé fincado no Romantismo por influência de José de Alencar, Bernardo Guimarães, Gonçalves de Magalhães, e, terminou os seus dias enterrado até o pescoço no Realismo e se vivesse mais tempo, teria, certamente, construído outros caminhos geniais, contudo, ele ainda influenciou os escritores como Bilac e Lima Barreto, expoentes do parnasianismo, no verso e na prosa.

Mas, essa evolução de estilo e de forma não representam demérito do escritor, poucos escritores na história literária, foram best seller no seu primeiro livro, às vezes, o escritor duma extensa obra, é reconhecido, apenas, em um ou dois livros, Franz Kafka, por exemplo, tem uma obra significativa, mas os seus livros: “O processo” e “A Metamorfose” que lhe deram notoriedade.

Numa entrevista televisiva recente, uma escritora (não me lembro de seu nome), queixou-se da dificuldade que os jovens têm de colocar no papel uma boa história, enquanto na linguagem oral e cênica, eles falam e desempenham com facilidade qualquer texto que lhes chega às mãos. Essa dificuldade, ela atribuía a falta de leitura, a linguagem corrida da Internet e a substituição da escrita pela imagem.

As escolas de escritores que se proliferam, ultimamente, ajudam na formação de um redator, mas o processo de criatividade do escritor é diferente, é inato, é vocação, é perseverança, é suor, é objetividade, é perseguição dum ideal. Não se faz um escritor, nasce um escritor com suas potencialidades, a experiência intelectual e o tempo definem sua genialidade.

Um jovem solicitou por e-mail a determinado escritor, as regras necessárias para elaboração de bons textos de prosa e poesia, grande foi o seu desapontamento com a resposta que se segue:

“... não tenho a receita do que tu me pedes, creio, também, que ninguém a possui com as exigências que tu me solicitas, pois, é fácil ensinar gramática e técnicas de redação na escola, porém, na escola não se ensina pensar, pouco se usa a imaginação e tornou-se pior com o advento da Internet, da informática, a garotada que antes estudava, hoje, faz de conta que pesquisa e aprende. Atualmente, as informações são mais democráticas e mais acessíveis, mas não ensinam refletir, pensar é um exercício de paciência que exige disciplina e desprendimento”.

Particularmente, acho o ato de escrever além de solitário, sofrido, pela preocupação correta da gramática e dos censores de plantão. Além de a língua ter suas regras e normas convencionais, qualquer que seja o idioma, ela não escapa às interpretações pessoais de acordo o entendimento do sujeito pelo fato dela ser viva e dinâmica. Quem leu as Réplicas e Tréplicas de Rui Barbosa e Ernesto Carneiro Ribeiro, encontra ali, exemplos gritantes, não de erros, mas de concepções e interpretações pessoais diferentes.

Porém, o escritor compulsivo, escrever é um vício, aquele que é impelido criar, pouco se lixa para essas firulas dos detentores do saber linguístico, pior do que escrever ruim, é não escrever, pior do que escrever sem a gramática, é não produzir, é não ter ideias criativas, aqui, vale o pensamento: “Quem não sabe ensina, quem sabe faz”.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna: 28/06/2011

#### Diálogo de esqueletas R. Santana

Caro leitor, eu juro por Nossa Senhora de Caravaggio, não a Nossa Senhora de Caravaggio de Farroupilha, mas a original, a Nossa Senhora de Caravaggio italiana, que tudo que vou contar é verdadeiro, aconteceu em um encontro de duas esqueletas, se por acaso tu és ateu, não acreditas na minha madrinha Nossa Senhora, juro pela Morte que tu não hás de negar!...

As duas ainda não tinham chegado ao paraíso, ao inferno ou ao céu, porém, perambulavam num nimbo distante da terra. Uma quase com o dobro da idade da outra, todavia, ambas jovens e bonitonas. Uma, baixa, rechonchuda e alegre; a outra, alta e

esquelética, porém, as duas muito simpáticas. A esqueleta gordinha trajava discretamente; a esqueleta magérrima trajava um elegante vestido de tubinho de panos finos:

- Bom dia, senhora!
- Bom dia!
- A senhora é daqui?
- Ninguém é daqui, estou passando uma chuva! – acrescentou:
- Não gosto desse negócio de “senhora”, meu nome é Maria!
- Desculpe-me, é o costume...
- Não se desculpe menina... e o seu?
- Hein!?
- O seu nome?
- July!

Maria mais despojada, mais extrovertida, contou em poucos minutos, alguns lances de sua vida terrena, quantos filhos teve, a saudade do xodó, as festas que ela participou, os admiradores que deixou, mas sentia falta mesmo, era da feijoada, da buchada, da rabada, dos miúdos, do peixe no caldo de coco e dendê, do caldo de pitu, da bacalhoadada, da lambreta, do chope, da caipirinha, do murcha-venta e, dos forrobodós de finais de semana:

- Nega (July era nome de grã-fino, alegou), conheci muitos homens, namorei à beça, chifrei a maioria até ser fisgada pelo negro Zé, comi e bebi o quanto pude!...
- Maria (mais íntima), quem lhe trouxe para este lugar?
- O filho da puta do Zé!
- Como assim? – July, agora, puxava conversa.
- Depois de uns Whiskys, o negro virou o carro! – Maria quis saber:
- E você, nega?
- O meu “personal trainer”, a minha nutricionista e o mundo da moda...
- Oxente, a menina é modelo!? – E, completa:
- Já sei, lhe empurraram a dieta de frango ou peixe, salada ou arroz integral, adoçante e pouco sal e nada de fast-food... não foi? – não esperou a resposta:
- Esses filhos duma mulher solteira, lá embaixo, viram e reviram a cabeça dessa gente tola! – July se espinhou:
- Eh mulher, eu não sou tola!
- Não?... – Completa:

- Você se olhou, hoje, no espelho!?
- Claro!!!
- Não parece...
- Desembuche!
- Não precisa, nega!... – Maria continuou reticente.

July, esqueleto novo, perspicaz, inteligente, mas de idade impulsiva, entendeu as indiretas de Maria, é que não obstante ser nova, o tempo anoréxico deixou-lhe esfrangalhada e estropiada enquanto a colega, mais velha e mais irreverente, estava mais disposta e mais em cima, por isto, lhe continuou provocar:

- Eu não gosto de sua maneira reticente!
- Nega, é o meu jeito!
- Vai pra lá com seu jeito de merda!!!
- Não me grite!
- Daí!... Você vai me bater?
- Não! – completa:

- Porém, não serei obrigada conviver com você no mesmo nimbo. Eu irei embora na próxima nuvem, pois não sou culpada de ter estragado o seu corpo com sua vaidade de mulher bonita desmiolada. Ademais, os promotores e agentes de moda, do outro planeta, continuam aliciando outras meninas com promessas de modelo de beleza ideal, sacrificando-lhes a alma e o corpo. E, ao invés de você descer lá e aconselhá-las, quer vir me importunar.

Dois quartos de hora depois:

- Maria, não me deixe! – acrescentou:
- Quero lhe fazer uma proposta, posso?
- Se não for...
- Não, não é indecente, é de bem-querer...
- Não me deixe em suspense... é o quê?...
- Quer ser minha mãe emprestada?
- Ah, ah, ah, ah!...
- O que foi!? – July cismou...
- Nada. Apenas, fiquei assustada!
- Qual a razão desse susto, mulher!?
- Por pouco, você estranhou...
- Você tem razão, reconheço que estou um caco!



- Não exagere!

- Desculpe-me, mas não me deu a resposta!

- Precisa?... – Não esperou resposta:

- Mãe é bênção, é a natureza feminina de Deus! Quem não se sentiria honrado com esse apelo?... - July não esperou mais nada, correu para os braços de Maria e as duas se afagaram e se beijaram.

O céu e o povo daquele nimbo testemunharam e celebraram a história de mãe e filha daquelas esqueletas que durou para sempre.

**Autor:** Rilvan Batista de Santana

**Nota:** A palavra “esqueleta” não deve ser tomada como erro ortográfico, mas um “neologismo”...

Democracia, herança grega  
R. Santana

A Grécia é o berço da democracia. Sócrates foi condenado beber cicuta por decisão de maioria simples de um tribunal de Atenas. Alexandre, o Grande, da Macedônia, usou ações democráticas para apaziguar os ânimos dos povos conquistados e manter sua hegemonia.

Hitler formou o Eixo (Itália, Espanha e Japão...), e os Aliados (Estados Unidos, Inglaterra, Rússia...), formaram outra frente bélica. Houve muitos conchavos, muitas “ações democráticas”, muita diplomacia, muitas ações de bastidores, muitas futricas para que a II Guerra Mundial levasse seis longos anos, ceifando vidas inocentes, promovendo holocaustos, barbarizando, destruindo a autodeterminação de alguns povos, toda essa carnificina em nome da liberdade e da democracia.

Depois da II Guerra Mundial, é a ONU que resolve os conflitos entre as nações através do voto, da democracia, da diplomacia e quando em vez, através da bala, dos aviões com toneladas de bomba, enfim, com a mesma tirania de Hitler, Mussolini, Stálin e o presidente Roosevelt. Por decisão do Conselho de Segurança das Nações Unidas que justifica os cinco votos permanentes (Estados Unidos, França, Reino Unido, Rússia e República Popular da China), comete crimes contra humanidade, empunhando a bandeira da democracia e da paz.

Porém, o exercício da democracia é difícil, principalmente em um colegiado, onde prevalece a vontade do mais astuto, do mais sagaz, do mais loquaz, às vezes, dos sub-grupos mais influentes e sectários ou daqueles que jactam-se de ter mais estofamento democrático e prestígio intelectuais.

O jeca que não tem o uso fácil da palavra, não possui inteligência social, não se livrou do complexo de inferioridade e ainda não dominou sua inteligência emocional, suas ideias são engolidas facilmente, pelos doutos da palavra, pelos que não têm resquícios de generosidade e o egoísmo é o seu bem maior. Neste ambiente, o exercício da democracia é a sedução da retórica.

Existe indivíduo que perturba o ambiente democrático pelo gosto de perturbar, se alguém apresenta uma boa ideia, ele sempre é contra, mesmo que a maioria absoluta seja favorável, ele é contra e faz questão de registrar que é contra, é o chato radical!... Ele não contribui com novas ideias, não analisa as contribuições dos seus pares, ele só é consenso se sua vontade prevalece. Esse indivíduo usa intencionalmente, a boa fé daqueles que pensam como Voltaire: "Eu posso não concordar com o que você diz, mas defenderei até a morte o direito de dizê-las", ele tem consciência que talvez não seja "ouvido", mas jamais lhe será cerceado o direito de "falar." Esse indivíduo causa prejuízos irreparáveis em qualquer assembleia.

Existe, também, o autoritário travestido de democrata, o lobo com pele de cordeiro, esse indivíduo manipula com facilidade as mentes incautas, ele usa sofismas, aparentemente verdadeiros e a falsa persuasão: "Se for da vontade dos colegas...", "Eu penso assim, mas não é obrigado todos pensarem comigo", "Se o colega X é favorável, eu também sou...", etc. etc.

Porém, o exercício democrático poderá ser aperfeiçoado, adaptado, jamais desprezado ou substituído. Em nenhum lugar o autoritarismo é a solução para os problemas humanos. Centralizar as decisões de uma entidade ou de um governo em uma pessoa ou em um grupo é contrariar a natureza do homem.

O livre arbítrio, a capacidade de escolha, poder optar por uma, duas, ou mais alternativas, faz bem à mente de qualquer indivíduo, todos nós gostamos da capacidade de escolha e quando esse exercício de democracia é cerceado, o homem se insurge à situação opressora com forças primitivas, instintivas e irracionais, ele é capaz de romper qualquer sistema, a execução de Muammar Khadafi pelos rebeldes, é um exemplo recente, o povo Líbio depois de décadas de opressão rompeu com o seu governo, uma

turba incontrolável de rebeldes, em nome da democracia e da liberdade, cometeu barbárie tão execrável quanto o governo do repugnante coronel Khadafi.

Mas a democracia é o único instrumento capaz de promover mudanças sociais profundas. Instrumentos democráticos como eleição, plebiscito e impeachment são necessários para solução de problemas de uma prefeitura, de um estado e de um país, são capazes até de mexer no ordenamento jurídico e em cláusulas pétreas de uma nação. Não existe outro instrumento mais eficaz para ouvir o povo do que o plebiscito.

Por isso, a democracia é imprescindível na construção de uma nação, de um país, mesmo nos países onde o estado de direito não é respeitado, nenhum ditador quer ter a pecha de antidemocrático e autoritário.

A democracia é necessária, contribui para o desenvolvimento, reduz as desigualdades sociais, é condição sine qua non para que o homem viva livre e em paz, pois melhor morrer do que não ter liberdade.

Autor: Rilvan Batista de Santana

#### Conheci um imortal R. Santana

Não o conhecia pessoalmente, eu o conheci no dia 19 de abril deste ano, conhecia-o “en passant” pela leitura aqui e acolá de seus textos literários ou através de ouvir dizer dos amigos e dos menos amigos, às vezes, por curiosidade intelectual, recorria aos seus textos para compará-los aos de Jorge Amado, Adonias Filho, Clodomir Xavier, Telmo Padilha, ou seja, aos meus escritores preferidos da terra do cacau. Mas, conheci anos atrás, nas lides políticas, o seu pai e o seu irmão, porém, faz-se necessário dizer, para ser fiel à verdade, que conheci mais o seu pai do que seu irmão.

Embora eu goste de poesia, gosto mais da boa prosa. A prosa é mais descritiva e mais acessível a qualquer leitor. A poesia é mais sintética, mais analítica e mais metafórica, poucos mortais entendem a linguagem in tout do grande poeta, tomemos a guisa de exemplo alguns versinhos de dois monstros sagrados da poesia, Bandeira e Drummond:

“Vou-me embora pra Pasárgada  
 Vou-me embora pra Pasárgada  
 Aqui eu não sou feliz  
 Lá a existência é uma aventura...”  
 Ou,  
 “No meio do caminho tinha uma pedra  
 tinha uma pedra no meio do caminho  
 tinha uma pedra  
 no meio do caminho tinha uma pedra...”

Os autores usam uma linguagem figurada para explicar uma crise existencial em que “Pasárgada” é o lugar da boa vida, da felicidade e da oportunidade e a personagem se muda pra lá, enquanto a “pedra” representa o obstáculo do dia a dia, por isto, prefiro a prosa à poesia.

Foi mais pela prosa do que pela poesia que conheci o escritor de poesias infantis, poeta, contista, cronista, ensaísta e o jornalista Cyro Pereira de Mattos. Sua prosa é leve, solta, narrativa quase coloquial... Sua linguagem é clara, acessível para o culto e o menos culto, o leitor vive os personagens e as circunstâncias de sua prosa e sua poesia naturalmente, diria que o seu estilo se aproxima ao estilo popular de Jorge Amado sem descambar na linguagem chula.

Cyro de Matos tem orgulho de ter nascido na terra do caxixe, do cacau e da jaca, terra construída por homens aventureiros, homens curtidos pelas intempéries dos sertões da Bahia e de Sergipe, todavia, ele soube sublimar esse regionalismo, numa linguagem moderna e universal.

No seu livro “O Goleiro Leleta”, Cyro mistura o seu amor pelo futebol com personagens folclóricos e inesquecíveis em quatro lindos causos, onde, no primeiro conto, o escritor dá espaço ao moleque das peladas de várzea. E, poeticamente, despeja suas proezas de jogador artilheiro que numa competição histórica, uma revanche entre o Bahia de Badeco e doutor Viterbo e o Brasil da “rua de cima”.

A revanche do Bahia, no último domingo daquele ano, no campo da beira rio, com direito a torcida, traves novas e juiz com roupa preta, quase iria para o leito do rio Cachoeira, junto com a bola, se o filho de Augusto Matos e eterno preterido por Badeco, não tivesse condicionado sua entrada no Bahia, e, Badeco na casa do sem jeito, o deixou entrar com sua bola novinha de couro dada pelo pai e fizesse três providenciais gols de olé na defesa, deixando o zagueiro Magarefe a ver navio, depois da festança dos colegas e apupos dos adversários, ele debocha de Badeco que lhe pede pra que continuasse efetivo no seu time:

- Só se for pra nunca mais sair da ponta-direita!...

As histórias dos goleiros Galalau e Leleta são exemplos de superação e amor. Galalau um moleque desengonçado, o mais velho do time “Estrelinha da Várzea”, frangueiro no início, que despertava o deboche dos adversários: “Au! Au! Au! Galalau é bom pra mingau!...”, supera sua má condição física e é estigmatizado por belas defesas com uma só mão, além de colocar os outros times no chinelo.

A história do goleiro Leleta faz jus uma sessão de psicodrama, pois Leleta recebe a notícia de repente que Neco, o seu pai, tinha morrido, num jogo decisivo entre Burburinho do Paraíso e Rio Claro, não obstante Leleta tivesse jogado sob forte carga emocional, fecha o gol e dá a vitória ao time de Burburinho do Paraíso, o seu lugarejo.

Porém, o contista e poeta Cyro de Matos sai de cena quando ele conta os mausbocados que Zé Gordinho, o seu amigo de infância, passou por não assistir o jogo do Botafogo de Garrincha, Nilton Santos, Didi e Zagalo com a Seleção Amadora de Itabuna de Santinho, de Florizel, dos irmãos Riela, de Tombinha, de Zé do Carmo e de Abiezer, no velho campo da desportiva, no conto: “O dia em que vi Garrincha jogar”.

Além da emoção contida que Matos desembucha nesse conto: “... Comecei suar frio e a ficar com a respiração quase presa... Ainda trêmulo, a voz meio engasgada, fiz um esforço e gritei: Garrincha! Garrincha! Garrincha! – ele me acenou, riu e fez com o dedo polegar um sinal indicativo que tudo estava legal...”, ele registra no livro de maneira subjacente que herdou do seu pai o amor pelo futebol: “... O único vício do meu pai estava no futebol, melhor dizendo, a única diversão que ele gostava... Chegava

cedo ao estádio, por volta das treze horas, antes mesmo de ser aberto o portão que dava acesso para o local da sombra e da arquibancada”.

O depoimento de Cyro de Matos sobre o seu pai, reportou-me ao ano de 1973 ou 1974, eu não me lembro bem, embora os fatos sejam verdadeiros, quando rapazinho, conheci o senhor Augusto Matos na campanha de José Oduque à prefeitura de Itabuna. Lembro-me que era um homem moreno, baixo, forte, não sei se baiano, sergipano ou doutro lugar do Nordeste, sei que pelos traços de caboclo não era do Sul nem do Sudeste. Lembro-me que era um homem simples de poucas letras, um jeca da palavra, mas naquela época era tido como grande fazendeiro de cacau e empresário na locação de imóveis, eu recordo-me de ter ouvido José Oduque lamentar sua desdita de locador: “... esse negócio de aluguel de casa é com Augusto Matos”.

Augusto Matos, naquela época com suas palavras simples, de homem inculto: “... antigamente vocês **comia** na cozinha, agora, com Zé Oduque vocês **vai** comer no **cuião!**”, conseguiu avalizar e alavancar a candidatura de José Oduque e fazê-lo prefeito. O seu exemplo de homem do povo ficou no folclore da política itabunense.

Hoje, muitos anos depois, foi que conheci pessoalmente o seu filho, o poeta Cyro de Matos, preocupado com a construção de uma academia de letras itabunense, certamente, ele empenhará o seu nome e o seu prestígio de escritor bem sucedido, junto aos outros escritores, na fundação dessa Academia de Letras de Itabuna – ALITA, uma casa que irá zelar pela palavra e pela escrita. Uma casa que irá corrigir as injustiças feitas aos escritores do Sul da Bahia e aos cultores da literatura e da arte.

Para o jurista Marcos Bandeira: “Cyro só precisa morrer para ser imortal”, para mim, bocó da palavra e da escrita, que nunca viu um imortal de carne e osso, que o mortal não é imortal, regozijo-me por ter conhecido em vida, Cyro de Matos, um imortal!...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 22.05.2011

Compromisso  
R. Santana

Do alto dos seus 83 anos de vida bem vivida, tio Pedro, diz que o homem não é obrigado assumir nenhum compromisso, porém, uma vez assumido, tem o dever de cumpri-lo, pois se ele for useiro e vezeiro em negligenciá-lo, chegará um momento, que sua palavra não valerá um tostão de mel coado.

A tradição popular diz que longe é o tempo que o homem não assinava nota promissória, nem cheque, nem duplicata, nem escritura, mas um fio de bigode e a palavra selavam qualquer compromisso moral, financeiro e material. Hoje, se a assinatura não é cumprida, a palavra menos ainda, por isto, foram criados instrumentos de proteção ao crédito e identificação do indivíduo e empresa (CERASA, SPC, CPF, CNPJ, SNPC), além doutros registros que permeiam as relações do grupo, da comunidade e da sociedade, mesmo assim, os velhacos se multiplicam...

O baiano Rui Barbosa foi profeta e feliz no seu pensamento quando disse: “De tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantar-se o poder nas mãos dos maus, o homem chega a rir-se da honra, desanimar-se de justiça e ter vergonha de ser honesto”. É engraçado quando os políticos jactam-se de sua honestidade, de honrar sempre os seus compromissos, como se a honestidade deixasse de ser uma obrigação, mas uma qualidade extraordinária, uma virtude de poucos.

A falta de compromisso de certas profissões é nociva, às vezes, fatal. Quantas pessoas morrem nos hospitais por negligência profissional de médicos e enfermeiros? Quantos sinistros naturais poderiam ser evitados se os responsáveis pela atividade pública fossem comprometidos? Quantas mortes no trânsito seriam evitadas se os motoristas fossem comprometidos com as regras de trânsito? Quantos desvios de comportamento de crianças, jovens e adolescentes seriam evitados se os profissionais da educação fossem mais comprometidos? Eis alguns exemplos, dentre muitos, que a falta de compromisso pode acarretar.

O compromisso deixou de ser imediato para ser mediato. Hoje, qualquer jovem ou adulto, desde cedo, tem consciência que se não tiver compromisso com sua qualificação profissional, será rejeitado no mercado de trabalho. Atualmente, não basta a qualquer profissional ter formação intelectual ou prática, é necessário que ele tenha

em mente a necessidade (compromisso) de se recapacitar, sempre, enquanto estiver na ativa.

Os compromissos afetivos e sociais são de somenos importância, uma boa justificativa recompõe a confiança entre as partes. Quem ainda não deixou a namorada ou o namorado na praça a ver navio? Qual o convidado que não faltou a uma festa de um amigo, feito o compromisso? Qual o estudante que não foi vítima de professor irresponsável? Qual a entidade filantrópica que não tem problema de frequência com seus membros?... Todavia, se o sujeito acostuma-se tratar e não cumprir, pouco a pouco, sua credibilidade irá para o beleleu porque quem não é honesto no pouco não é honesto no muito, é o que diz a sabedoria popular.

Os princípios éticos, morais, bom senso, todos se jactam de tê-los, no entanto, alguns preferem negligenciá-los, quase sempre, a falta de caráter acontece com aqueles em que a vergonha é moeda rara. O homem de princípios morais arraigados, de conduta ilibada, não foge aos seus compromissos mesmo que surja um contratempo em sua vida, o homem de vergonha mesmo diante do imprevisto, de um infortúnio, ele esgota todas as possibilidades até cumprir o seu dever.

Hoje, alguém dá um “chapéu”, enganar, faltar ao compromisso, corromper e usar o “jeitinho brasileiro”, a “Lei de Gérson”, é não ser trouxa, é esperteza, é regra geral, é sabedoria, é maioria; porém, cumprir o compromisso, ser honesto e não querer levar vantagem, é ser bobão, é ser ultrapassado, é ser trouxa, é ser Mané, é minoria!...

Autor: Rilvan Batista de Santana

**Itabuna, 04 de julho de 2011.**

Cidade menina  
R. Santana

O dia 28 julho é uma data significativa para Itabuna, é o dia do seu aniversário de emancipação política desde os idos de 1910, este ano, Itabuna fez 101 anos. 101 anos de luta, de trabalho, de desenvolvimento, de prosperidade e de afirmação histórica, uma



das principais cidades da Bahia. Uma referência cultural, terra de poetas, de trovadores, de escritores e artistas. Uma cidade menina que pouco e pouco deixa para trás sua coirmã Ilhéus que um dia lhe teve mando administrativo e político. Hoje, é o comércio mais pujante e a economia mais promissora do Sul da Bahia.

Itabuna é uma cidade jovem, uma cidade menina de 101 anos... O quê significa um século para uma cidade? Nada ou quase nada. E, diferente do homem, que vai se quebrantando e se definhando ao longo do tempo, a cidade cresce, se desenvolve, se remoça, e fica mais bonita ao longo dos anos, São Paulo, Paris, Roma, Londres e Nova York são exemplos de cidades muitas vezes centenárias e mais jovens e mais bonitas, cada dia.

Tabocas de Félix do Amor Divino ou Itabuna de Firmino Alves foi amoldada pelos braços fortes dos retirantes nordestinos, dos tropeiros, dos trabalhadores rurais, dos mascates, dos plantadores de cacau, dos vaqueiros, dos comerciários, dos comerciantes e dos burareiros, dos coronéis do cacau, também, forjada com o sangue de pequenos fazendeiros que não se rendiam às tramóias do caxixe.

É um equívoco alguém dizer que Itabuna não tem “identidade cultural”, não tem “história” nem “memória”, é negar Jorge Amado, Valdelice Pinheiro, Plínio de Almeida, Minelvino, Telmo Padilha, Helena Borborema, Walter Moreira, Firmino Rocha, Zélia Lessa, dentre outros. Afirmar que Itabuna não tem “identidade cultural” é negar a FICC, a Editus, a Litterarum, a TV Itabuna, o jornal AGORA, o Clube dos Poetas, as escolas de capoeira e as academias ALITA e AGRAL e o Centro Cultural Adonias Filho, onde se desenvolve dança de salão, dança de rua, ballet, jazz, modelo e manequim, pintura, fotografia, etc., etc.

Seria importante que esta terra respirasse cultura, tivesse educação de qualidade, um Centro de Convenção, alguns Mecenas patrocinando artistas, escritores e cientistas. Seria importante que Itabuna tivesse teatros, museus, salas de cinema, programas culturais em rádio e TVs, mas é recorrente e justo o argumento que esta terra é uma cidade menina, é uma princesinha que ainda não desabrochou e quando o seu tempo chegar, ela irá adquirir os mesmos status de civilização de cidades do Sul e Sudeste do país e quiçá os mesmos fumos civilizatórios do mundo.

É verdade que Itabuna tem políticos desonestos, empresários egoístas e mercenários, porém, é verdade que homens desonestos, criminosos, corruptos, malfazejos têm em todas as sociedades, desde que gente se entende por gente, todavia, é

verdade que qualquer sociedade, também, abriga homens trabalhadores, corretos, de idoneidade ilibada, e, graças ao Criador, é maioria, senão, estaríamos perdidos...

Não se pode negar o valor dos bens intelectuais, espirituais e morais na formação de um povo e quão são necessários na definição do comportamento e no caráter do homem, porém, o homem é corpo e alma, matéria e espírito, ambos têm que ser alimentados, ou seja, o homem se alimenta de poesia, de prosa, de pintura, de fotografia, de dança, de filosofia, de religião e doutras expressões culturais, mas se alimenta, também, de pão, de leite, de café, de feijão, de arroz, de carne, de galinha, de peixe, portanto, o homem é um ser interativo, o escritor, por exemplo, é tão necessário quanto o padeiro, o peixeiro, o açougueiro, todos têm sua importância na vida comunitária.

Será que um governo só de filósofos como queria Platão, resolveria os problemas do povo? Não! Pois as coisas ficariam no mundo das idéias e a prática é condição sine qua non da vida. Se Jesus Cristo tivesse vivido, somente, em oração, não praticasse a cura, a multiplicação dos pães, a ressurreição de Lázaro, não teria construído sua igreja que já tem 2000 anos.

Às vezes, certas homenagens prestadas no dia da cidade, por políticos, entidades e indivíduos aos benfeitores comunitários ou pessoas de destaque em determinada atividade, não são justas, são ações bajuladoras, de caráter pessoal, elas não têm o reconhecimento da população, são puxa-sacos, são egos feridos, políticos e intelectuais vaidosos que usam de artifício político ou midiático para se promoverem através do outro que já é reconhecido pela sociedade, não são homenagens verdadeiras.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 02 de agosto de 2011.

Bar de Pedro  
R. Santana

Nos meados dos anos 60, o “Bar de Pedro” era referência obrigatória no São Caetano, Itabuna, situado na esquina da Rua princesa Isabel com a transversal da Rua São José, à altura do número 1020, hoje, onde funciona uma casa lotérica.

Naquela época não havia outra casa de distração para adulto no São Caetano. O bar tinha duas sinucas, quatro mesas de dominó, uma mesa de baralho, um balcão de sorveteria e um serviço de bebida (murcha-venta, conhaque de alcatrão São João da Barra, caipirinha cerveja Brahma e cerveja Antártica), e um arremedo de lanchonete com todos os tipos de tira-gosto, picolé, sorvete, café-com-leite, pão e biscoito, vitaminas de fruta e sucos para todos os gostos, para os padrões da época, o lugar era chique no último...

Nos finais de semana e quase todas as noites o “Bar de Pedro” ficava apinhado de gente, embora quase todos os jogos fossem apostados, não havia briga, os jogadores se comportavam como profissionais, evidente, que havia os “esquentados”, perdedores insatisfeitos, porém, a maioria era cordata, ganhando ou perdendo.

O “Bar de Pedro” não ostentava placa ou letreiro em sua fachada, o nome surgiu boca-a-boca, como principal ponto de referência do São Caetano: “... eu lhe encontro no Bar de Pedro”, “no Bar de Pedro o pessoal lhe mostra onde moro”, “...aonde vou? Vou ao Bar de Pedro!”, “... deixe a encomenda no Bar de Pedro!” etc., etc. O dono do bar, Pedro Batista de Santana, que emprestou o nome ao estabelecimento.

A população do bairro era de uns mil e poucos moradores, uma grande família, todo mundo conhecia todo mundo... Se chegasse alguém estranho, todos ficavam de butuca, de olho, e, se o forasteiro urinasse fora do pinico, os filhos do bairro lhe caíam de pau e o pobre diabo teria que se mandar! Porém, se fosse sangue bom, de paz, gente boa, seria aceito na comunidade pouco tempo depois assim que passasse a cisma.

Alguns clientes do “Bar de Pedro” tinham nomes esquisitos: Zé Urubu, Lopeu, Pintado, Antônio Charqueada, Crente, Elias Preto, Machado, Zoinho, Lubião, Lameu, Garrincha, Mané de Aristides, Tonho da Véia, Tibinha, Benzinho, Zanolho, Lagartixa (locutor de alto-falante, cujo estúdio ficava num compartimento do bar e que tinha a petulância de anunciar diuturnamente “A Voz...”: “... para o São Caetano, para o Brasil e para o mundo!”), Tamborete, Dendê... personagens simples, a maioria analfabeta, mas gente direita, gente trabalhadora e de bom coração.

O bairro só contava com uma autoridade: “Dico Soldado”. Dico se achava... Semi- analfabeto, grosso, metido a garanhão, armado até os dentes, eliminava os fora da lei e os seus supostos inimigos mais por prazer do que por necessidade. Naquela época, assentava praça mais por bravura, cultura e inteligência não eram pressupostos

necessários na formação profissional de um policial, pois se cultura e inteligência fossem condições **sine qua non**, Dico não passaria nem na frente do quartel.

Não se tinha notícia da polícia civil, o delegado era “calça-curta” no jargão da classe. O primeiro delegado qualificado do São Caetano foi o sargento Mário Silva, escudado pelo soldado Sinval, um sujeito truculento e sanguinário. Mário Silva além de possuir o curso médio, era um autodidata do Direito, o seu “inquérito-policial”, hoje, serviria de modelo para qualquer doutor delegado, todavia, quando bebia, perdia as estribeiras e tornava-se violento e autoritário.

Lopeu era o cliente mais assíduo, um parasita, não trabalhava, vivia a expensas do pai e do jogo de sinuca. Lopeu “abria” e “fechava” o bar, mas era boa praça, índole afável, jamais agrediu alguém mesmo com os dichotes de afeminado que o pessoal lhe tachava. Certa feita, Dico Soldado, perdedor contumaz no jogo de sinuca, irritado jogou-lhe uma bola de bilhar na caixa dos peitos que lhe fez chorar.

Outro episódio lamentável daquela época, que ficou registrado nas mentes dos moradores, coisa de cachaça, foi Dico Soldado atirar num chapa (carregador de caminhão) em frente ao bar, provocando balbúrdia e sentimento de revolta na população do bairro.

O desenvolvimento do “Bar de Pedro” foi registrado por dois fatos curiosos: o primeiro, foi à troca da lâmpada elétrica incandescente pela lâmpada fluorescente com um transformador de energia acoplado numa calha; o segundo, foi a instalação de um balcão de sorveteria de mármore fingido. Hoje, seriam fatos de somenos importância, porém, naquela época, era o anúncio da chegada de progresso e mudança. Além disto, duas lições de humildade marcaram essa passagem que preferimos registrá-las nos parágrafos abaixo.

Luciano, funcionário federal, inteligente, de palavra fácil, gente boa, todavia, exagerado na pabulagem, garganteiro, tinha feito um curso por correspondência de eletricidade no Instituto Universal Brasileiro ou escola afim. Por isto, de vez em quando, após uns dois copos de cerveja ou alguns goles de murcha-venta, arrotava os seus vastos conhecimentos eletroeletrônicos para os seus incautos interlocutores no balcão do bar que não entendiam bulhufas daquela ciência, mas a eloquência de Luciano os deixavam embasbacados.

Naquele dia, o proprietário do “Bar de Pedro” contratou Luciano para trocar as lâmpadas incandescentes por lâmpadas fluorescentes. O procedimento exigia instalar as calhas e o sistema ligasse todas as lâmpadas do salão do bar num único interruptor.

Luciano desenhou mapa das correntes elétricas, puxou fio daqui, esticou acolá, sobe escada, desce escada, fez emendas com fita isolante, mas nada das lâmpadas...

Pedro, o dono do bar, já preparava o Aladim pelo adiantado da hora, quando Benzinho, velho mecânico que há tempo testemunhava com humildade a imperícia do fanfarrão eletricitista, ofereceu-se ajudá-lo e desatar o nó do problema. Luciano sentiu-se atingido no seu saber, duvidou de Benzinho e apostaram uma caixa de cerveja para que o velho mecânico lhe mostrasse o erro. Não demorou muito tempo para que ele realizasse o prometido: “Benzinho deu luz!”, gritou o menino abelhudo, alegre com a ruína do fanfarrão Luciano.

Quando da instalação do balcão de sorveteria algo parecido ocorreu com o mecânico Deusdedit do DNER – DNIT. Deusdedit um mecânico de mancheia, reconhecido pelos colegas o melhor da época em seu mister, além disto, uma pessoa humilde, falava pouco, às avessas de Luciano, a pedido de Pedro do Bar, se dispôs instalar o balcão de sorveteria, porém, ele tinha pouca prática naquele tipo de motor (era um motor trifásico, enorme para os padrões atuais), mexeu, remexeu, colocou chave de energia, fusíveis e nada do motor funcionar, enquanto isto, um moleque amarelo e inexpressivo o observava calado, e, quando Deusdedit pensou que não iria conseguir, o rapazinho sem bazófia, pediu-lhe que o deixasse tentar... Algum tempo depois o motor funcionou pra nunca mais parar, produzindo gostosos picolés e sorvetes de fruta para alegria da garotada e dos adultos – o rapaz era de uma família de exímios eletricitistas de motores pesados.

O jogo de dominó, o baralho e a sinuca corriam apostas, nada de significativo, mais pra matar o tempo, pois a maioria era de gente simples, trabalhadores rurais, pedreiros, carpinteiros, mecânicos, burareiros, raro, pessoas de condição da cidade e pequenos empresários viciados.

Certa feita apareceu um elemento mal-amanhado, pés descalços, chapéu de palha na cabeça, calça com bainhas uma mais alta que outra, enfim, uma figura esquisita, chamando parceiro para o jogo de sinuca. O mal-ajambrado demorou de encontrar quem quisesse jogar, o pessoal tinha certa resistência com desconhecido, porém, à medida que o tempo passava, essa resistência foi diminuindo e o forasteiro teve parceiro para jogar o tempo todo.

O mal-ajambrado se passou por pixote dois ou três dias, perdeu alguns trocados, suicidava (o próprio jogador encaçapa sua bola branca) o tempo todo no jogo, “espirrava” o taco com frequência, fez pantomima... Todos acreditaram que o forasteiro

fosse um otário e aí, ele foi ganhando pouco a pouco, sem mostrar o seu verdadeiro potencial, mas quando as apostas chegaram ao limite, ele deixou os demais jogadores de bolso limpo, pra caçoar dos parceiros, várias vezes, ele fechou o jogo da bola um até a bola sete, numa tacada.

Os velhos moradores do São Caetano se lembram de um jogador compulsivo de carteadado que apareceu no bar e se passando por membro da tradicional família Gusmão de Vitória da Conquista. Indivíduo de fino trato, bem trajado, boa lábia, mas viciado em jogo de baralho. Não sabia jogar, um otário no linguajar dos carteadadores, perdia mais do que ganhava. Além do jogo comprou carro fiado, deu cheque sem fundo, deitou e rolou com trapalhadas e terminou sendo preso. A família veio de Minas ou Vitória da Conquista, soltá-lo. Soube-se depois que o jogador inveterado, era realmente, membro da família Gusmão - a ovelha negra.

Faz-se necessário dizer que o “Bar de Pedro” serviu durante algum tempo para realização de festas carnavalescas. O bairro ainda não tinha clube e os foliões, rapazes e moças fogosas, contratavam-no e transformavam o salão no mais requintado ambiente momesco.

Oxalá que este texto chegue às mãos de alguém que um dia queira escrever a História do Bairro São Caetano, e, insira o capítulo “Bar de Pedro” em suas páginas e registre a importância que teve aquela casa na promoção de diversão, lazer, entretenimento, comércio varejista e, referência comercial por mais de duas décadas na região Sul da Bahia, portanto, o “Bar de Pedro” contribuiu para o desenvolvimento e progresso do Bairro São Caetano e desta terra do cacau.

**Autor: Rilvan Batista de Santana**

**Itabuna, 22 de julho de 2011.**

A simplicidade da vida  
R. Santana

Eu não bebo nem fumo não para esnobar saúde, mas me falta saúde para beber e fumar. Acho bonito quem bebe e fuma sobriamente... Claro, que o objetivo desta crônica não é fazer apologia do tabaco e da bebida, porém, quero invocar o ato de pitar um cigarrinho ou tomar uma pinga pra almoçar como exemplos de simplicidade de

vida. Não se pode elogiar o excesso, a dependência de álcool e de fumo, pois o excesso de álcool e de fumo, mina a saúde do homem e ao invés de prazer lhe traz sofrimento.

A vida não é riqueza, a vida não é poder, a vida não é beleza, a vida não é glamour, a vida é simplicidade... O filósofo Albert Camus foi feliz quando disse: “Antes, a questão era descobrir se a vida precisava ter algum significado para ser vivida. Agora, ao contrário, ficou evidente que ela será vivida melhor se não tiver significado”. Os significados sociais não fazem a vida do homem melhor, mas engessa o homem em emaranhado de compromissos e obrigações que lhe roubam a naturalidade de viver. O homem é feliz quando não quebra o cordão umbilical, o retorno à sua origem, é que lhe dar significado de vida.

Quem já não teve a experiência depois de dias ou meses de trabalho, se espichar na areia da praia, o sol a pino, quase despido, e sentir-se o homem mais feliz do mundo?... Então, numa fazenda, gozar de felicidade com o cheiro da terra invadindo as narinas depois de uma chuva rápida de verão?... Ou, numa noite de lua cheia, deitado no alpendre da casa escarafunchando o céu?... E, ainda, acordar com o canto dos pássaros e um roseiral, cheio de orvalho, lhe invadindo a janela, incendiando o quarto de perfume?... Quem de peito aberto, não percorreu o campo sorvendo o ar e gozando da natureza sem objetivo?... Quem ainda não enterneceu em seu braço, um recém-nascido?... Isto é a simplicidade da vida, o encontro do homem consigo mesmo, com a natureza e com Deus!...

A ciência e a religião não se sustentam se os seus ensinamentos têm a complexidade dos eruditos. Se os ensinamentos de Jesus Cristo não fossem para sábios e ignorantes, não seriam tão atuais ao longo do tempo. Aliás, a Bíblia é o livro que explica a criação do mundo, a origem do homem, a dor, o sofrimento, a Aliança de Deus com sua criatura numa linguagem natural, compreensível à mente mais simples à mente complexa de um sábio.

A teoria da Relatividade tornou-se popular, não pelo seu objeto abstrato e metafísico, mas pela tradução menos complexa de Einstein. Se Sócrates não fosse, no seu tempo, o filósofo da rua, da praça, do povo ou se os seus conceitos de conhecimento, de ciência e de moral fossem complexos e eruditos, ele não teria sido marco da História da Filosofia.

Deus criou o homem numa lógica infinita, mas não faz muito tempo que a ciência obteve do homem o seu mapa genético, e algum tempo antes descobriu que a

vida é sistêmica, embora a vida comece na célula e no interior do átomo, é lá que a menor partícula energética dá origem à vida, portanto, a vida é singela no seu início.

A felicidade absoluta não existe, o homem é suas circunstâncias, porém, o homem terá felicidade mais duradoura quando se desvencilhar de todos os produtos artificiais e priorizar os naturais e eleger o estilo de vida primitivo, todavia, não é aquela vida do homem primitivo, do homo sapiens ou do homo erectus, mas usar a tecnologia e a ciência como meio e não como fim.

Talvez, o homem moderno não acredite que isso é possível, mas lhe dou como exemplo o investidor Warren Buffett, um dos homens mais ricos do mundo, que não trocou a casa modesta que mora há 60 anos por um palácio suntuoso, além de não ter criado os filhos nababescamente e vida de bilionário, mas lhes deu uma educação e vida espartanas, elegendo para os filhos valores morais e intelectuais duradouros, não uma vida de glamour, bonita, mas falsa e efêmera...

O bilionário Warren Buffett é tão simples que segundo a imprensa falada e escrita, não usa celular, não tem computador pessoal e dirige o seu próprio Cadillac DTS, além de ter deixado como herança, 83% de sua fortuna para uma instituição de caráter social.

Porém, a simplicidade da vida não será obtida enquanto o homem não se desvencilhar da usura, da ganância, se desvencilhar do ter e não do ser, e, souber compartilhar os meios produtivos, a tecnologia e a ciência, de maneira social e racional.

Não se faz aqui, propaganda da miséria, tudo que foi conquistado é bem do homem, mas ele terá momentos duradouros de felicidade se atingir um grau de educação comunitária, de partilha, aí, a felicidade será um estado de espírito absoluto, enquanto esse estágio não for adquirido, a simplicidade da vida não será adquirida e a maior parte da humanidade viverá para sempre infeliz.

Autor: Rilvan Batista de Santana

A Praça da Matriz  
R. Santana



Não tínhamos mais de 9 anos de idade cada um. Éramos três crianças peraltas, bonitas e saudáveis. Nós tínhamos em comum morar no mesmo quarteirão da “Praça da Matriz”, quando o padre nos ritos finais dava sua bênção: “Benedicat vos omnipotens Deus”, e concluía: “Pater et filius et Spiritus Sanctus, Amen!” – era o fim. Não entendíamos bulhufas de latim, só entendíamos que tinha chegado ao fim pelo gesto da cruz que o padre fazia e pelo “Amen!” de língua enrolada do padre alemão – era o melhor momento da missa -, nossas mães nos prendíamos à força pelas mãos para que não saíssemos em disparada e fossemos brincar na praça da matriz.

Era uma praça suntuosa, ajardinada, cheia de bancos, árvores copadas e desenhadas em todo o seu redor, no meio um coreto e, postes de luz, encimados por um globo branco de acrílico, distribuídos estrategicamente em toda sua extensão, iluminando os casais de namorados e os demais. Não dávamos bola pra ninguém, somente, para nossas brincadeiras.

Além das árvores copadas, dos bancos e do jardim, gostávamos mesmo era do coreto, ali, quando o guarda deixava, subíamos na mureta e ficávamos deslumbrados com a fachada da igreja... Não tínhamos apego à sua nave de estilo gótico, comum a tantas outras igrejas, mas nos deslumbrávamos com sua fachada de duas enormes torres abóbadas e, lá em cima, a escultura de um galo, entre uma torre e outra, um pedestal de forma escalena, desenhado em suas laterais, no topo, a esplêndida estátua de Nossa Senhora da Piedade! Abaixo, depois duma faixa horizontal, quatro janelões retangulares envidraçados e mais abaixo, três grandes portas, a porta principal mais alta do que as suas laterais e outros detalhes arquitetônico singulares.

O coreto oitavado recebia em suas muretas oito colunas que sustentavam uma abóboda que formava o teto, a parte superior do abrigo. Descobríamos nesses detalhes, que o nosso coreto não era diferente em forma e beleza das linhas arquitetônicas da matriz.

Gostávamos quando o coreto era usado pela orquestra sinfônica nos dias de festas cívicas e religiosas. O Natal era sem dúvida, a festa mais importante, a festa que mais curtíamos porque sua preparação começava um mês antes com os bazares e as quermesses e findava com a missa do Galo.

Na noite de Natal, chegávamos mais cedo à praça, todos nós com roupas brancas, camisa de manga comprida e gravata borboleta e sapatos engraxados. Nessa noite, os nossos pais frouxavam na disciplina desde que não sujássemos a roupa nova. Aí, corríamos toda praça, ouvíamos a orquestra sinfônica, elegíamos o casal mais bonito

e mais feio de namorados, visitávamos alguns presépios, nos detínhamos naqueles mais inventivos, naqueles que contavam a história dos Reis Magos e a vaca se movimentava ou mugia, e, a manjedoura que abrigava uma Sagrada Família feliz. Não gostávamos de presépios pobres...

Porém, o ponto alto da noite de Natal não eram os folguedos da Praça da Matriz, mas o retorno para casa depois da missa do Galo, onde a família reunida e alguns convidados tomavam assento numa mesa enorme e as nossas mães começavam servir a Ceia de Natal com peru (o prato principal), uma variedade de saladas, feijão, arroz, castanha de caju, nozes, castanha-do-pará e uma variedade de doces na sobremesa, para os homens, um bom vinho ou um bom champanhe – era uma festa!...

A festa de Sete de Setembro tinha o seu início e o seu desfecho, também, na Praça da Matriz. Nós percorríamos todas as ruas da cidade de Lagarto, fazíamos nossa parada maior em frente ao palanque do prefeito e de outras autoridades, a fanfarra executava suas músicas, depois, voltávamos para praça e perfilados, ouvíamos o comando: “dispersar” dos diretores de escola.

Os anos se foram, hoje, matriz e praça não são mais as mesmas, elas não possuem mais a mesma suntuosidade e o mesmo tamanho daquele tempo de criança. Parece que matriz e praça foram encolhidas?... Não! Elas não foram encolhidas, permanecem do mesmo tamanho, despertando sonho, alegria e curiosidade aos olhos, hoje, de outras crianças, o tempo é que levou as nossas crianças e trouxe adultos empedernidos e sem alma.

Gênero: Crônica

Autor: Rilvan Batista de Santana

#### A força do preconceito R. Santana

O motel “Maçã Verde” amanheceu, naquele dia, lotado de policiais, delegado e gente do IML, quase todos interessados na morte daquele transexual não conhecido, identificado pelo nome de Luiz Carlos..., um celular com agenda extensa de possíveis clientes, um relógio modelo feminino, uma bolsa com alguns produtos de beleza de mulher e um pouco de dinheiro.

Os funcionários juravam que não o conheciam que nunca o tinham visto e não sabiam informar quem o tinha levado ali. Pra piorar, o plantonista acrescentou que na noite do crime o movimento tinha sido intenso, que as câmaras não estavam

funcionando e por discricção, pouco se dava ao trabalho de esmiuçar o interior dos veículos, além de garantir-lhes que naquele dia não houve nenhum caso de suspeição, que tudo ocorrera na rotina de sempre.

O local do crime estava quase intato se não fossem os lençóis revoltos e os travesseiros espalhados sobre o rosto da vítima. Pelo seu porte avantajado, embora feminino, a vítima deve ter se dado às perversões e às fantasias do criminoso, deve ter se deixado amarrar mãos e pés sem oferecer resistência, facilitando assim, os instintos de selvageria do homicida.

A cena do crime mexeu com os nervos dos profissionais mais experientes com as desgraças humanas, não houve quem não fizesse uma cara de horror do que viu no quarto do motel “Maçã Verde”, naquele dia, a vítima estendida na cama com as pernas abertas, sem escroto e sem testículos, o sangue ensopando o colchão, os braços estendidos e amarrados à cabeceira da cama, pedaço do pênis na boca do transexual e o que mais assustava era a cara de tortura e os olhos esbugalhados da vítima e no seu peito esquerdo uma faca encravada até o cabo.

Sonhos interrompidos, um corpo masculino que não se aceitou jogado no caixão para necropsia e corações de pais e amigos despedaçados.

\*\*\*

A casa noturna “Black & White” funciona de Sexta-feira a Domingo, sempre lotada. O repertório musical é samba, é sertanejo, de quando em vez, o rock`n roll, bandas estrangeiras ou alguma música especial a pedido de clientes especiais. A clientela é de maioria jovem mesclada de pessoas não muito jovem. Os garçons circulam pelas mesas com bandejas, copos e taças de bebida e comida com desempenho invejável. Quando alguém bebe além do normal e arma arruaça, é contido pelos seguranças numa boa...

Maurício e Tiago não conheciam a casa “Black & White”, foram lá pela primeira vez, embora estivessem gostando da festa, ainda se sentiam peixes fora d`água, acostumados com as festas de família, aquele ambiente exagerava em luxo e suntuosidade. Porém, educados em escolas tradicionais, aprenderam sublimar suas emoções sem vexames.

Tiago, mais novo, porém mais sagaz com mulher, chamou a atenção do irmão para uma linda morena que comia Maurício com os olhos:

- Brother, aquela mulher não lhe tira os olhos!
- Qual mulher!?
- A morena que está sozinha naquela mesa do bar à direita!...

Maurício começou olhá-la de soslaio e se deu conta que Tiago tinha razão, a morena, descarregava-lhe com os olhos uma tonelada de libido que lhe começaria incomodar se não fosse o apoio e insistência do irmão:

- Brother, vai lá!
- Ainda não, vamos dar tempo ao tempo...

Ao contrário do seu irmão, Maurício é cismado e caladão. Na cidade onde eles moram, Tiago é arroz de festa, brinca com os rapazes e namora as moças, gozador e satírico não perdoa a garfe de um colega, enquanto Maurício, embora não tivesse inimigos, não tinha amigos, afora os irmãos ninguém priva de sua intimidade, depois de Deus, a família, o estudo e o trabalho preenchem o seu mundo.

Tiago, moleque, não se contenta enquanto não junta ambos:

- Meu irmão!
- Estou encantada, Sarita!...

- Maurício. Eu que estou deslumbrado!...

\*\*\*

O táxi deslizava lentamente no asfalto, no meio da noite, rumo ao motel “Maçã Verde”, no banco de trás, Maurício e Sarita aos beijos e abraços... O motorista de quando em vez, olhava para o retrovisor de esguelha, mas com profissionalismo, naquela vida há muito tempo, aprendera desde cedo, que a discrição e o fingimento eram condições essenciais para não se envolver e nem ser envolvido em rolo, quando questionado por algum marido traído ou mulher traída, suas respostas lhe vinham à língua com facilidade: “Não sei”, “Não os conheço”, “À noite, todos os gatos são pardos”, “As mulheres são as rainhas do disfarce”, etc., etc.

A luz fosca do quarto e os espelhos do quarto valorizavam o sexo e o romantismo. Sarita, ofegante, lasciva, esfomeada, desabotoou num instante a camisa de Maurício, tirou-lhe a calça e a cueca com volúpia, suspendeu seu vestido à altura da barriga, virou-se de costas e deixou-se possuir pelo macho com gritos e grunhidos de prazer.

Maurício, vorazmente, joga-a sobre a cama, tirou-lhe a roupa e começa mordisca-lhe as orelhas, lhe chupar o pescoço, beijá-la com sofreguidão, beijar e sorver os seios, lambe-lhe com volúpia a barriga, descer... quando, de repente, ele encontra uma protuberância de esparadrapo na genitália, desce num impulso da cama, berrando:

- Que diabo é isso!?
  - Um pedaço do corpo que me consome a mente e a alma!
  - Você é homem!?
  - Sou mulher presa num corpo masculino!
  - Veado!!!
- O preconceito motivou o crime.

Gênero: Conto

Autor: Rilvan Batista de Santana

A confissão de André

R. Santana

O escritor José Saramago foi feliz quando escreveu: “Filho é um ser que nos emprestaram para um curso intensivo de como amar alguém além de nós mesmos, de como mudar nossos piores defeitos para darmos os melhores exemplos e de aprendermos a ter coragem”. Amamos os filhos mais do que a nós mesmos, porém, como disse o escritor, o filho é um ser emprestado, quando menos se espera o filho é chamado por Deus ou o mundo o arrebatam, sufocando corações, destruindo sonhos, deixando pais sozinhos e infelizes.

Faz muito tempo que os meus filhos se foram, de quando em vez, filhos e netos me telefonam, quase sempre, para sugarem o meu minguado bolso de aposentado. Nunca me telefonaram preocupados com a minha saúde ou a minha solidão. Depois que a minha mulher

foi para eternidade, socorro-me da fidelidade e da amizade dos amigos e de Hanna. Quem é Hanna? Hanna é uma fêmea linda, de olhos cor de mel, boca carnuda, pequena, amorenada, carinhosa, nela, eu deposito as minhas queixas e as minhas alegrias. Quem é Hanna? Hanna é a minha cadela de raça Bassê!... Nós temos uma relação onomatopéica, ela entende a minha fala e eu entendo o seu latido, às vezes, "conversarmos" horas seguidas sobre os mais diversos assuntos.

Não pense o desavisado leitor que estou ficando pinel, amalucado... Não, não estou ficando doido, pois não é à toa, que o cachorro é considerado o melhor amigo do homem e existe uma relação tão forte entre ambos que é melhor um cachorro amigo do que um amigo cachorro, porque o cachorro amigo morre pelo dono, o amigo cachorro o apunhala pelas costas na primeira oportunidade.

Foi fácil descobrir o que Hanna pensa, ela é inteligente e excelente interlocutora, a minha fala não é um monólogo, é um diálogo, ou melhor, é uma relação binária: quando ela concorda, calada, fixa o olhinho pra mim e faz assentimento com a cabeça; quando a minha fala lhe contraria, ela dá um latido para reprovação parcial e dois latidos para reprovação total.

Não me queixo da velhice. A velhice é a soma de todas as experiências, é a idade da razão, do discernimento, também, é a idade da emoção, da tolerância, do afeto, da amizade duradoura e amor perene, contudo, a velhice é a idade do ocaso, da consciência do fim, do crepúsculo e a idade da decrepitude física. Ledo engano daquele que recorre aos artifícios médicos-cirúrgicos e às panacéias medicamentosas para não envelhecer.

As mulheres, mais sensíveis ao belo, são as vítimas desses construtores de estética artificial que perambulam por aí, são comuns erros nocivos desses cirurgiões plásticos, às vezes, deixando as mulheres com marcas profundas no corpo e na alma. Quanta socialite de rosto puxado e repuxado, nós conhecemos? Não dar pra contar... Se um dia, a ciência usar a célula-tronco para renovação dos órgãos humanos, certamente, elas retardarão o envelhecimento, todavia, jamais vencerão a morte. Se o espírito é eterno, a matéria é corruptível e finita.

Seria ideal que o homem não envelhecesse ou nascesse velho e morresse novo (natureza às avessas), porque a velhice é feia, é dolorida, é anti-social e indigna. A velhice e a morte são sinais da pequenez humana. A sublimação da velhice é fugir da realidade, os artifícios estéticos só servem para racionalizar a impotência humana.

O silêncio da solidão me incomoda... Não posso me queixar dos meus vizinhos, não obstante cada um cuidar de si, eu sou contemplado diuturnamente por gestos de amizade, mas

a realidade impõe que cada um cuide de sua casa, de sua família, não posso exigir mais consideração e préstimos de outrem do que da família que eu construí e a vida tirou de mim.

Alguns vizinhos são indiferentes, não cheiro nem fedor, de quando em vez, eles me cumprimentam: "Bom dia, mestre André!", "Boa tarde, mestre André!", "Boa noite, mestre André!"... Desejar mais é impossível, são pessoas que têm um rei na barriga, não conhecem o valor da amizade e da solidariedade, vivem estressadas de trabalho, o saco delas nunca enche, nasceram soberbas e morrem soberbas, elas professam Deus socialmente, o dinheiro e a riqueza são os seus objetivos, algumas vendem a alma ao Diabo se for preciso pra enriquecer, são pobres de espírito que se encaixam como uma luva na parábola de Jesus Cristo do homem rico que construiu muitos celeiros para sua produção (Lucas 12:16-21), são pessoas dignas de pena!...

O pensamento humano ainda não teve resposta para os questionamentos: "Quem sou eu?", "De onde vim?" e "Para onde vou?". Conhecemos a explosão da vida, mas não conhecemos os seus mistérios. Quem não se queda no desabrochar de uma flor? Existe imagem mais bonita do que o nascimento de um ser humano ou outro animal? Não existe. A vida é movimento, a vida é inspiração de Deus, a vida é a explosão do belo, o homem não compreende por que razão o Criador deixou a velhice, a dor, o sofrimento e a morte para destruí-lo. Se as promessas de Jesus Cristo não forem verdadeiras, é melhor ser pedra do que ser homem.

Uma das rugas com a minha falecida mulher, era sobre o abate de suas "galinhas-caipiras" que ela insistia comprar na feira-livre nos finais de semana. Na segunda-feira, eu saía de casa ainda cedo para não ser testemunha de sua maldade: ela colocava água no fogo pra ferver, amolava a faca na pedra, prendia a galinha nos pés e cortava o seu pescoço, dentro de dois quartos de hora, os pedaços de galinha tratada enchiam a panela.

Isso me lembrava o meu pai na fazenda abatendo os porcos e o choro sofrido daqueles pobres animais diante da morte, cenário lúgubre que jamais esqueci. Por isto, o homem é considerado pela sua maldade o pior dos animais. Não concordo com Rousseau que diz que o homem nasce naturalmente bom, o homem é naturalmente mau e a sociedade faz o resto. O bicho não tem consciência da morte, mas do instinto de sobrevivência e preservação, o bicho mata para não morrer ou para sobreviver. O homem é o único animal que tem consciência da morte.

Não tenho mais pernas para andar aqui e acolá, sou sedentário por conveniência e não por gosto, mas não reclamo, o sedentarismo contribuiu para eu adquirir novos hábitos, hoje, leio menos, escrevo mais e reflito bastante, a reflexão é um estado mental que faz bem a saúde.

Aprender pensar não é fácil, é necessário disciplina e método, porém, pensar não é apanágio só das grandes mentes, dos filósofos, o homem é um ser pensante, aprender pensar é uma necessidade.

Eu descobri ao longo dos anos que a finalidade da vida é ser feliz. Mas, a felicidade não significa ter muito dinheiro, muitos bens, viajar pelo mundo, curtir a noite na boemia, conquistar todas as mulheres, possuir grandes dotes intelectuais, morar em mansão, usar roupas de grife, possuir carros sofisticados, ter poder político, ser destaque social, enfim, usar e abusar dos prazeres que a vida oferece... Não! Não! Os momentos de felicidade encontram-se na capacidade de compreensão do homem diante da vida e sua capacidade de encontrar a paz.

Aqui no silêncio da solidão, penso diuturnamente, se Deus deixou o mal, o sofrimento, a doença, os sinistros da natureza, as hecatombes mundiais ou tudo decorre do mundo das possibilidades? O que é o mundo das possibilidades? Eu penso que é mais ou menos assim: o mal e o bem existem, naturalmente, na mesma proporção, portanto, as possibilidades de um ou outro ocorrer é a mesma, às vezes, independe da vontade do homem, do seu livre arbítrio, faz-se necessário esclarecer que não estou, aqui, fazendo apologia determinista, destino... Não! Eu quero dizer que vivemos num mundo de possibilidades naturais, humanas...

Não é prudente, nem fácil materializar as coisas da mente, as ideias nem sempre são práticas, mas por desengano de consciência e se a sorte me favorece e se o leitor for até o final desta minha confissão, ele não fique com tantas dúvidas em sua leitura quanto eu a tenho dificuldade de lhe explicar, eis alguns exemplos:

- Todos os seres vivos têm células cancerígenas, portanto, todos os seres vivos têm, potencialmente, a possibilidade de desenvolver um câncer.

- As placas tectônicas da Terra fazem necessárias acomodações, portanto, os terremotos, os maremotos, os tsunamis e outros fenômenos naturais sempre terão a possibilidade de gerar grandes sinistros que independem da agressão do homem à natureza.

- Num ambiente de violência, sempre irá existir a possibilidade de alguém morrer de uma bala perdida.

- Numa rodovia, sempre haverá a possibilidade de alguém morrer de acidente de carro, a imprudência ajuda a racionalização.

- Qualquer pessoa nasce com a possibilidade de dirigir um país se suas ações políticas têm essa finalidade.

Com base nesse pensamento, o mal e o bem sempre seriam justificáveis, sem recorrer às teorias deterministas quaisquer que fossem sua natureza e não aceitar jamais a ideia de que Deus pune o homem com o mal se Ele lhe deu o livre arbítrio e o conhecimento da ciência.

Hoje, não lamento mais o abandono dos meus filhos e a morte da minha mulher diante das circunstâncias, eu aprendi ler o mundo, nós somos as nossas circunstâncias, podemos mudá-las ou usá-las de melhor forma. Se as minhas confissões não servirem para suavizar a solidão e a dor de alguém, colocá-las pra fora, suavizaram a minha alma e o meu coração.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 17 de julho de 2011.

### **Conclusão**

#### ***Duas Linhas:***

*O livro é um filho que nasce, cresce e ganha força em palavras, porém, quando não é aceito ou compreendido, acaba morrendo, mas quando ele é aceito, vive sempre...*

### **Relação de livros do autor no Portal do MEC – Domínio Público:**

- 1 . **Atir:** cartas, contos e crônicas Rilvan Batista de Santana [ea] Edição do Autor .pdf 398,17 KB 610
- 2 . **Carta para Paula** Rilvan Batista de Santana [ea] Edição do Autor .pdf 510,60 KB 49
- 3 . **Hanna** Rilvan Batista de Santana [ea] Edição do Autor .pdf 245,08 KB 363
- 4 . **Maria Madalena** Rilvan Batista de Santana [ea] Edição do Autor .pdf 194,39 KB 403



- 5 . **O D N A de Emanuel** Rilvan Batista de Santana [ea] Edição do Autor .pdf 248,70 KB 334
- 6 . **O empresário** Rilvan Batista de Santana [ea] Edição do Autor .pdf 378,22 KB 342
- 7 . **O enviado** Rilvan Batista de Santana [ea] Edição do Autor .pdf 424,70 KB 324
- 8 . **O homem nasce para ser feliz?** Rilvan Batista de Santana [ea] Edição do Autor .pdf 113,69 KB 443
- 9 . **O juiz** Rilvan Batista de Santana [ea] Edição do Autor .pdf 422,04 KB 386
- 10 . **Retalhos** Rilvan Batista de Santana [ea] Edição do Autor .pdf 282,60 KB 313
- 11 . **Rosas com espinhos** (contos) Rilvan Batista de Santana [ea] Edição do Autor .pdf 267,52 KB 366

### **Dados Biográficos:**

Nascido em Lagarto (SE). Graduado em Filosofia/Matemática – FAFI/UESC, pós-graduado em Psicopedagogia- UESC, Ilhéus-Itabuna (BA). Ex-professor do Colégio Estadual de Itabuna-CEI e do Instituto Municipal de Educação Aziz Maron e membro da Academia de Letras de Itabuna-ALITA.

### **Livros Publicados:**

- 1) O empresário – Editora t+oito (RJ), ano 2008
- 2) Maria Madalena – Editora t+oito (RJ), ano 2008

### **Participação:**

- 1) **Um dia de cada vez (São Paulo - SP) – Editora All Print Editora, ano 2007**
- 2) **Encontro Pontual (São Paulo - SP) – Editora Scortecci, ano 2010**
- 3) **Labirintos e palavras (Teresópolis-RJ) – Editora Guemanisse, ano 2010**

### **Registro:**

<a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/"></a><br />O trabalho <span xmlns:dct="http://purl.org/dc/terms/"

href="http://purl.org/dc/dcmitype/Text" property="dct:title" rel="dct:type">Guriatã,  
o intérprete</span> de <span xmlns:cc="http://creativecommons.org/ns#">  
property="cc:attributionName">Rilvan Batista de Santana</span> foi licenciado  
com uma Licença <a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by-  
nc-nd/3.0/br/">Creative Commons - Atribuição - NãoComercial - SemDerivados 3.0  
Brasil</a>.















